ANO 25 QUARTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1945 N.º 8266

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

DITO E FEITO

Eça de Queiroz, numa carta a Oliveira Martins, perante a inquietação deste, fala-lhe da ditadura como remédio salvador—«um pensamento e um sabre», acentua com convicção. A's vezes, os médicos ouvem distraidamente os doentes que os consultam e receitam-lhes, ao acaso, remédios que lhes agravam o sofrimento. Claro: não são os bons médicos que assim procedem, mas uns tantos que levianamente se comportam, sem medirem as responsabilidades em que incorrem.

Conhecia Eça de Queiroz o «estado» do país para acêrca dele diagnosticar e receitar?

Oliveira Martins, espirito sereno e profundo, atravessava um periodo critico na sua vida, em que propendia para as visões sinistras, trágicas. Admitia sem se lhe alterar o pulso: 1.º—Que Portugal caminhava para o ocaso com um astro apagado e melancolico; 2.º—Que o povo português perdera a sua fé na Patria e que passara á condição de rebanho sem pastor, nem pastagem; 3.º—Que as timidas ovelhas—já eram poucas, ao que parece...—haviam caido nas garras dos poderosos interesses criados e organizados em oligarquias; 4.º—Que a alma dos antepassados vaguea[illegible]o, na noite imensa e nas naves da Batalha e dos Jeronimos; 5.º—Que tudo se finava num espantoso «dies-irae», entoado pelos espectros de oito seculos de história.

Nas suas cartas, expedidas em várias direcções, o seu pessimismo acarvoava-se como o de um Exequiel encarregado de acordar os ecos das quebradas. Eça de Queiroz, ironista excepcional, mas tambem visionario, nas suas horas de tédio, sob a preocupação de que a catástrofe se avizinhava, não se conteve e respondeu ao seu amigo, que vaticinava febrilmente:

—«Um pensamento e um sabre!».

Deve-se aos «Vencidos da Vida»—grupo selecto de intelectuais desiludidos e de elegantes fatigados—a doutrina do «poder pessoal» sugerida ao rei D. Carlos que se debatia na incerteza dum pálido constitucionalismo, emperrado em compadrios, vicios e rotinas.

Carecia realmente o país de ser governado, «á maneira forte», na abdicação total da sua vontade?

Esta pregunta, formulada tanta vez, nas horas crepusculares da vacilante duvida politica, alcançou várias respostas—umas afirmativas, negativas outras. Segundo um mestre, a ditadura para ser eficaz tem de proceder tão rapidamente que nem sequer se dê ao trabalho de justificar a sua presença.

Discute o padecente com o operador os metodos da sua cura?

Quando se trata de salvar quem se encontra em situação grave o bisturi obedece á mão do cirurgião que vai descobrir o mal no seu misterioso esconderijo. Os discursos não afloram aos labios. A tecnica supera a oratoria. A vitima ressurge do seu pesadelo. A normalidade da existencia resulta naturalmente da anormalidade do tratamento. Recobrada a saude, o operador não diz envaidecido:

—«Se vives, a mim o deves! Tens obrigação de ver em mim o teu salvador».

Pelo contrário, limita-se a um prudente silencio feito de discrição e de modestia. Cabe ao operado proclamar a sua gratidão e tornar bem visivel a sua homenagem ao mérito. Graças ao risco dum momento, volta a ser o homem que foi. Regosija-se com o arbitro do seu destino, e redentor do seu cativeiro!

A onda de crime

no Estado de Nova York

NOVA YORK, 28.—A vaga de crimes já deu origem a tantas prisões que não há espaço nas cadeias. Foi cometido o 69.º assassinio em 77 dias. Edwin Lukas, presidente da Sociedade de Combate ao Crime, disse: «A criminalidade juvenil é tão grande que há falta de alojamento para os presos tanto na cidade como no Estado de Nova York».

O jornal «New York World Telegram» declara: «O numero de jovens delinquentes pela primeira vez que aparecem nos tribunais atingiu um ponto que constitue ameaça á sociedade em geral».—(R.).

A UNIVERSIDADE DE ATENAS

encerrada por disturbios

ATENAS, 28.—O ministro da Instrução mandou encerrar a Universidade de Atenas, temporáriamente, em consequência dos disturbios que se produziram entre estudantes de credos politicos diferentes.—(R.).

A terceira guerra à vista

O embaixador Hurley é, decididamente, um homem que fala com clareza. Antes de abandonar, por divergencias com o Departamento de Estado, o posto que ocupava em Chung-King, quis prevenir os seus compatriotas de que está á vista a terceira guerra mundial. A culpa dessa guerra pertencerá, na opinião do embaixador Hurley, em grande parte á diplomacia americana que não sabe ajustar as suas realizações ao idealismo generoso que arrastou os Estados Unidos para a intervenção em duas temerosas conflagrações, as quais foram decididas pelo esfôrço do seu povo.

Em 1917 a Russia tinha sido eliminada da luta pela revolução bolchevista. Na terra de França, onde se decidiam os destinos da Europa e do Mundo, Clemenceau, atirado para o poder no meio da perturbação geral ordenava a repressão implacavel das primeiras «mutineries». A Grã-Bretanha, segundo o testemunho decisivo de Lloyd George, estava prestes a ajoelhar sob a vaga temorosa dos submarinos que Tirpitz lançara no Atlantico a partir de fevereiro. No seu Quartel General, Ludendorff preparava pacientemente o «knock-out» para a primavera seguinte.

Foi nessa hora sombria que a Ameri-

(Continua na 15.ª pag.)

Os técnicos da B.B.C.

estão descontentes

com os ordenados

LONDRES, 23—Empregados técnicos de valor da B. B. C. estão a ser contratados pelos estudios cinematográficos, onde obterão o dôbro dos ordenados que presentemente auferem naquela emissora. Nêste numero de empregados estão incluidas pessoas de ambos os sexos. Existe um crescente descontentamento ácerca dos pequenos salários pagos pela B. B. C., questão esta que será discutida em breve no Parlamento.—(U. P.).

A RÚSSIA E O MEDITERRÂNEO (2)

Ao pedir que lhe abram tôdas as portas

a Rússia não deve fechar as suas

(Especial para o «Diario de Lisboa», por Maurice Pernot)

Passemos agora sobre as guerras russo-turcas, que tiveram todas como objectivo a saida livre para o Mediterraneo, sôbre o tratado de Paris que, em 1856, neutralizou o mar Negro, e o tratado de Berlim, que manteve o encerramento dos Estreitos. Mencionemos as duas tentativas, de Iswolski em Londres, em 1908, e de Tcharykov, em Constantinopla, em 1911, para conseguir a sua abertura, e chegamos á guerra de 1914. Logo que os cruzadores alemães «Goeben» e «Breslau», disfarçados de navios turcos, abriram as hostilidades no mar Negro, Nicolau II lançou um manifestro no qual declarava que a entrada da Turquia na guerra permitiria «resolver o problema historico legado pelos seus antepassados». No entanto, em dezembro de 1914, recuando perante as dificuldades que suscitaria a anexação de Constantinopla, os russos pareciam dever contentar-se com a posse das duas margens dos Estreitos. A capital otomana passaria a ser cidade livre e neutralizada. Mas, em fevereiro de 1915, sob a influência de alguns membros da Duma, o governo do czar aumentou as suas pretensões e reclamou a anexação total do Bosforo dos Dardanelos e de Constantinopla. A Inglaterra e a França consentiram.

A revolução e a abdicação do czar, seguidas pela paz separada de Brest-Litovsk, vieram anular o efeito dessas promessas. O tratado de Sévres foi assinado sem a presença da Russia. O mesmo teria sucedido com o tratado de Lausanne se não fôsse a intervenção de Poincaré, o qual observou que os russos, apesar de tudo, tinham uma opinião a dar quando se tratava de fixar o estatuto dos Estreitos e do mar Negro. O governo de Moscovo esteve, portanto, representado em Lausanne e o seu delegado assinou o tratado de 24 de julho de 1923. A Junta Executiva dos Sovietes recusou-se, porém, a ratificar o tratado. Treze anos mais tarde, em Montreux, viu-se Tchitcherine apoiar as reivindicações da Turquia aliada da União Sovietica, e ouviu-se Litvinov defender a tése tradicional

(Continua na pag. seguinte)

A anexação da Austria

o assassinio de Dolfuss

e a traição de Seiss Inquart

foram tratados hoje

no julgamento de Nuremberg

As fotos antropométricas (frente e perfil) dos réus Seiss Inquart, Papen e Doenitz

NUREMBERG, 28. — (De Charles Lynch, correspondente especial da Reuter).—A acusação deve apresentar hoje, perante o Tribunal Militar Internacional que julga os grandes criminosos de guerra alemães, a história da anexação da Austria, completamente documentada com ordens secretas, rélatórios e minutas apreendidos nos arquivos nazis. Esses documentos serão apresentados pelo acusador adjunto americano, Sidney Alderman, esperando-se que a sua leitura tome a maior parte do dia.

Mais de 20 documentos secretos já estavam na sala do tribunal quando a sessão foi aberta ás 10 horas. Foi reforçado o serviço de vigilancia. Ao fim da tarde, a acusação pode interromper êsse assunto e exibir filmes dos horrores dos campos de concentração, mas a magnitude do caso da Austria torna provável que êsses filmes só sejam exibidos ámanhã. Os filmes foram corridos ontem á noite perante os advogados de defesa.

A acção da «quinta coluna»

Sidney Alderman declarou que no caso da Austria «podemos observar as primeiras consequências daquilo que passou a chamar-se mais tarde a «quinta coluna». Tudo havia já sido preparado na Austria pelos nacionais-

(Continua na pag. central)

A Rússia e o Mediterrâneo

(Continuação da pag. anterior)

da diplomacia russa: «Os Estreitos devem permanecer abertos aos Estados com costas no mar Negro e fechados a todos os demais».

As negociações russo-turcas

Esta tése não foi aprovada, mas o governo de Moscovo considerou-se satisfeito com uma convenção que entregava a chave dos Estreitos aos seus aliados turcos e que, em consequencia lhes garantia—pelo menos assim o pensava—a saida livre para o Mediterraneo. Emquanto durasse a aliança entre Moscovo e Ankara, as esquadras sovieticas poderiam sair livremente do mar Negro e estaria assegurada a ligação entre Sebastopol e Vladivostock, assim como entre Kronstadt e Sebastopol O Mediterraneo desempenharia emfim, em proveito dos russos, o seu papel essencial: graças a ele, os três mares que banham os territorios sovieticos—Báltico, mar Negro e oceano Pacifico—comunicariam entre si e não se repetiria a experiencia dolorosa da guerra russo-japonesa, recordação sempre presente no espirito dos homens de Estado do Kremlin. A sua desilusão foi portanto mais profunquando, durante os ultimos anos, viram os turcos fechar obstinadamente os Estreitos a eles e aos seus aliados anglo-americanos, impedindo estes de enviar á Russia os abastecimentos indispensaveis a não ser pela via afastada e incerta do Médio-Oriente. A interpretação dada pelo governo de Ankara á convenção de Montreux era tanto mais contraria aos interesses sovieticos quanto era certo que nada podia impedir a Alemanha, de posse do Danubio e dos portos bulgaros e romenos do mar Negro, de trazer para este mar vedetas rápidas e submarinos e de armar para a guerra os navios mercantes da Bulgaria e da Romenia. E' sabido como esta frota improvisada apoiou o esforço das tropas do Reich e manteve em cheque as esquadras russas. Por isso, o primeiro gesto de Moscovo, depois da vitoria, foi denunciar a aliança com a Turquia e pedir a revisão do tratado de Montreux.

A Russia na Comissão de Argel

A União Soviética tornou claramente conhecida a sua vontade de estar presente, em toda a parte, no Mediterraneo. Desde o outono de 1943 que o governo de Moscovo tinha pedido e obtido das potencias aliadas o direito de estar representado na Comissão do Mediterraneo, constituida em Argel, para junto da qual enviou uma delegação numerosa chefiada por um dos seus diplomatas mais habeis, Wychinski. Todavia, a obra dessa comissão parece ter sido de tal modo restrita que a sua existencia foi curta. O interesse e a importancia que os russos atribuem á questão do canal de Suez não é mistério para ninguem. Levaram a peito tomar parte nas negociações que se realizaram em Paris de 10 a 13 de agosto ultimo relativamente ao regime de Tanger e a delegação sovietica, ao assinar a acta final da conferência, acompanhou a sua adesão com uma «declaração particular», formulando a reservas do seu governo acêrca dos direitos da Espanha. No dia 13 de outubro, Chiborine, ministro da Russia no Egipto, visitou a Palestina com alguns membros da legação, para estudar no local os problemas que dividem judeus e arabes. Finalmente, na Conferencia de Londres, Molotov não ocultou que a União Soviética tinha designios relativamente á Tripolitania. Desta maneira, quer se trate do leste ou do oeste, tudo quanto diz respeito ao Mediterraneo interessa directamente o governo de Moscovo, o qual tem, portanto, uma politica mediterranea. Resta saber quais serão as modalidades e os meios de exercer essa politica e como ela se poderá harmonizar com a das potencias marginais e a da Grã-Bretanha e até mesmo a dos Estados Unidos.

A convenção de Montreux

No respeitante aos Estreitos, um comunicado recente da agência Tass (14 outubro) tornou conhecido o ponto de vista de Moscovo. «Ficou decidido em Potsdam que a convenção de Montreux devia ser revista por ter cessado de corresponder ás condições actuais; essa revisão será objecto de negociações directas entre cada uma das três partes interessadas e o govêrno turco». E' possivel limitar a três o numero das partes interessadas? Não seria conveniente submeter-se o novo estatuto á aprovação de tôdas as potencias que elaboraram e ratificaram o antigo? Foi êste o principio que prevaleceu para o estatuto de Tanger; será submetido dentro de seis meses ao exame e á sanção de todos os signatários da acta de Algeciras. Não se compreende por que razão o mesmo principio não seria aplicado ao regime dos Estreitos, conforme propôs judiciosamente o govêrno de Ankara.

Seja como fôr, é de duvidar que a União Soviética queira retomar á sua conta o programa máximo exposto por Sazanov em 1915: anexação de Iztambul, do Bosforo e dos Dardanelos. A União encontraria a oposição irredutivel dos govêrnos britanico e americano, para não falarmos de outros. Por outro lado, é provável que os Sovietes, invocando as necessidades da sua segurança, exigirão uma base naval e aérea no Mediterraneo Oriental; essa base poderia ficar situada á entrada dos Dardanelos, por exemplo, na ilha de Leros, que os italianos tinham fortificado, ou a meio caminho entre os Estreitos e o canal de Suez—e a ilha de Rhodes corresponderia satisfatóriamente a essa condição. O sistema das suas comunicações com o Oriente ficaria completo com outra base no interior ou na proximidade do golfo Persico.

As colónias italianas

Como se sabe, a Conferência de Londres, embora decidisse aplicar o regime de curadoria ás colonias italianas, reservou a questão de saber se essa curadoria seria colectiva ou individual, isto é, se seria exercida por um grupo de potências ou por uma só potência. O Egipto já apresentou a sua candidatura para a Cirenaica, sua vizinha. Sendo a Tunisia limitrofe da Tripolitania, pareceria bastante natural que a França tomasse parte no conselho de tutela estabelecido para esta provincia. Tripoli está destinada a tornar-se uma base importante; todavia, o sistema de segurança colectiva prevista em San Francisco não exigirá que tais bases, em vez de dependerem de uma só potência, sejam postas á disposição de todas as Nações Unidas? Do conjunto das negociações realizadas e dos acordos firmados desde há meio século, revela-se uma tendência acentuada para a internacionalização das grandes vias de comunicação maritima. O Mediterraneo é, sem contestação de qualquer especie, uma dessas grandes vias, e, de modo algum, se poderá admitir que uma potência esteja em condições de impedir que as outras a usem livremente.

Um estatuto internacional para o Mediterraneo, para as suas três portas—Gibraltar, os Estreitos e o canal de Suez—e para algumas das suas bases é coisa que se impõe ainda mais desde que os Estados-Unidos descobriram que têm nêsse mar interêsses importantes. O govêrno de Washington tem dora-avante, uma politica mediterranea, determinada simultaneamente por factores economicos—grandes vias aéreas, comércio com os paises balcanicos, petroleos do Médio-Oriente—e por motivos espirituais—assistencia ás comunidades cristãs do Levante e protecção dos judeus da Palestina. Um Estado, quer fôsse ou não marginal, que pretendesse exercer o dominio hegemonico, parcial ou total, sobre o Mediterraneo, encontraria hoje uma oposição americana práticamente irredutivel.

A França, cujas costas europeias e das suas possessões africanas são banhadas pelo Mediterraneo, tem particular interêsse em que êste mar esteja largamente aberto a todas as nações do mundo. Vê, sem temor, a entrada da União Soviética no Mediterraneo, sob condição de que esta, ao pedir que lhe abram tôdas as portas, não feche tôdas as suas.

MAURICE PERNOT

(Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal pela Agencia France-Presse e pelo «Diário de Lisboa»).

eva

DO NATAL DE 1945
COMEÇA A SER
DISTRIBUÍDA NO DIA
1 DE DEZEMBRO

Não esqueçam que os quatro primeiros prémios são, respectivamente, de

50, 20, 10 e 5 contos de réis

Aplicados em compras à escolha dos premiados

12$50. Pelo correio 13$50

Pedidos à EDITORIAL, ORGANIZAÇÕES, LIMITADA
LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA
Não se manda à cobrança

ESPELHO D'AGUA
GRANDE CASINO DE LISBOA
Realiza hoje, em colaboração com a REVISTA VOGA
Noite de Buenos Ayres

Uma festa de homenagem á colonia argentina em Lisboa, e á qual se digna assistir S. Excelencia o Senhor Encarregado de Negocios e Consul da Argentina.

«CANARO», o mago do Tango, organizou para esta noite um programa especial, que a sua famosa orquestra interpretará com a arte e o segredo que só ele possue.

«FREDLAINE», o atelier de alta costura, passará 4 modelos, um dos quais denominado «Argentina» e que foi confeccionado expressamente para esta festa.

LUSO

António Caricias

Ilda Silva

A's 21,30: Sessão de fados com os queridos artistas: Ilda Silva, António Caricias, Augusto Pereira, Emilia Ferreira, Ana Maria. Solos de guitarra por Casimiro Ramos. Acompanhamentos por Martinho de Assunção.

Baile no Instituto Superior de Agronomia

No próximo dia 30 realiza-se nêste Instituto um baile de recepção aos novos alunos. Orquestra dirigida por José Puertas. Traje de «soirée». Pedidos de bilhetes para o telefone do Instituto, 81361.

ALUGAM-SE
PIANOS
Custódio C. Pereira & C.ª
Rua do Carmo, 11 — Lisboa

Taylor's Port
Agente e distribuidor no Centro e Sul do País:
A. Serra Campos Ferreira
Rua António Maria Cardoso, 27 — Lisboa Telef. 28949

Niagara
E' um brandy, que quem quer que o prove ficará preferindo-o.

Vinho do Pôrto e Brandy
CORRÊA RIBEIRO
A' venda em tôda a parte
Agente C. CALDERON DINIZ
Alameda D. Afonso Henriques, 76-A
Telefone 51764

O director geral da Assistência responde

á carta que nos foi dirigida pelo sr. dr. Luiz Soeiro

acêrca das deficiências da assistência hospitalar

«*Sr. director do «Diário de Lisboa»:*— Na carta do sr. dr. Luiz Navarro Soeiro, publicada no «Diário de Lisboa» de 23 do corrente, há dois pontos que necessitam de ser esclarecidos. Respeita o primeiro ás afirmações relativas «á indesculpável indiferença ou passividade aparente ou real ante o problema da assistência, que só nêstes dois ultimos anos se descobriu que era verdadeiramente um problema angustioso e fundamental».

O segundo versa sôbre a improcedência do argumento tirado do resultado de um concurso para assistente psiquiátra do hospital Julio de Matos, para justificar a nomeação do chefe da secção asilar do mesmo hospital, porquanto os cargos de direcção e chefia são providos em psiquiátras de reconhecido mérito e capacidade para o exercício das respectivas funções, independentemente de qualquer concurso.

Quanto ao primeiro ponto.

1—Assistência psiquiátrica

O sr. dr. Luiz Navarro Soeiro que, em entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» no dia 1 do corrente mês, invocou a sua autoridade de psiquiátra, não pode ignorar que o numero dos estabelecimentos hospitalares para internamento de loucos era de 6 em 1926, e é actualmente de 13, e que a capacidade dos mesmos estabelecimentos é hoje superior em 500 por cento á de 1926.

Contudo, «a angustiosa falta de asilos e hospitais para loucos» fôra reconhecida muito antes de o sr. dr. Soeiro a apontar. Já no relatório do decreto de 11 de maio de 1911 se escreveram estas palavras: «Mas, quando mesmo supusésscmos exacta a cifra de 6.600 alienados no territorio portuguès, nós não deixariamos de representar em matéria de assistência um deplorável e vergonhoso papel. De facto, recolhendo os manicómios de Lisboa e Pôrto 1.200 doentes apenas, Portugal hospitalizaria menos duma quinta parte dos seus alienados, deixando as quatro restantes ao abandono, como causa de crimes inconscientes, de sobressaltos sociais e de progressiva degenerescência da raça. Este facto é sem precedentes, na história da civilização moderna».

E mais adiante diz ainda: «E' preciso reparar a monstruosidade que a monarquia nos legou. A isso tende êste decreto, que autoriza o govêrno da Republica a edificar sete novos manicómios e a criar dez colónias agrícolas para assistência de alienados incuráveis e válidos, ao mesmo tempo que regula técnica e administrativamente êste abandonado serviço publico».

Apenas, e apesar do referido diploma manter, como receitas privativas dos manicómios e colónias agrícolas, o fundo de beneficência publica dos alienados, criado pela lei de 4 de junho de 1899, nenhum dos estabelecimentos nêle previstos foi construido, nem melhorou a assistência dos doentes mentais no periodo de 1911 a 1926.

Iniciou-se, é certo, a construção do Manicómio Julio de Matos, sendo as respectivas obras dirigidas com tal desatino administrativo, «que o próprio Julio de Matos, a pessoa mais interessada no acabamento do hospital, desalentado com o que via, por mais de uma vez reclamou a suspensão das obras». E se estas não acabaram de todo, a verdade é que, como escreveu o professor Flôres, a verba que lhes era destinada passou a ser tão diminuta que ainda hoje, a manter-se o mesmo ritmo, estaria longe do seu têrmo. A segunda fase da construção do hospital, iniciada em 1933, executou-se em condições bem diversas das verificadas na primeira. A lotação prevista de 80 camas passou para 1.300, além de outros e importantes melhoramentos.

Com a abertura do hospital Julio de Matos, do Manicómio Sena e do hospital de Sobral Cid deu-se um passo decisivo na assistência aos loucos em Portugal, assistência esta que é completada pela acção profilática exercida através dos dispensários e consultas externas. A verba despendida pelo Estado no corrente ano com a assistência a alienados excede em mais de 1.000 por cento a gasta com o mesmo fim em 1926.

2—Assistência á maternidade

O dr. Soeiro, que a devia ter frequentado como estudante, não desconhece certamente que em 1926, em Lisboa, a assistência a gestantes ou parturientes era exercida apenas na enfermaria de Santa Bárbara, «arrumada á fôrça numa quási mansarda» do hospital de S. José, com capacidade para 50 camas.

Em 1931 abriu-se a Maternidade de Magalhães Coutinho, em 1932 a Maternidade Dr. Alfredo da Costa e em 1938, no Pôrto, a Maternidade de Julio Dinis. Ainda no mesmo ano foram melhoradas as instalações da enfermaria de Santa Bárbara, que passou á categoria de uma pequena maternidade. O numero de camas das maternidades a cargo do Estado passou de 50 em 1926 para 505 em 1944. A importancia a despender pelo Estado com a assistência á maternidade e á primeira infancia monta, no ano corrente, a 10.227 contos, sendo vinte vezes superior á despendida com o mesmo fim em 1926.

Para não alongar esta informação não nos referiremos á criação do Instituto Maternal e á sua acção, á assistência médico-social, á maternidade e á primeira infancia que vem sendo prestada pelas juntas de provincia, misericórdias, casas do povo e dos pescadores, centros de assistência social e materno-infantil, dispensários, postos de consulta pré-natal e «post»-natal, creches e abrigos dos pequeninos, modalidades estas quási inexistentes em 1926, e de que actualmente beneficiam muitos milhares de mães e de crianças.

3—Assistência á segunda infancia

Não só aumentou o numero de estabelecimentos destinados a prestar assistência aos menores nos casos de orfandade, abandono, incapacidade dos pais, ou insuficiência da economia familiar e dos menores assistidos, como também se melhorou a sua preparação intelectual e profissional. Só no que respeita á Casa Pia de Lisboa e aos institutos hoje integrados nesta instituição, o numero de assistidos passou de 1.903 para 2.896, o que corresponde ao aumento de 52 por cento.

Para amparar e auxiliar os valores existentes nas classes pobres concediam-se, em 1925, dez subsidios para estudo, sendo três em escolas de ensino técnico elementar, dois em liceus, um no ensino agrícola, um no Conservatório, um nas Belas Artes, um no Instituto Comercial e finalmente um na Universidade. Presentemente, o numero de bolsas de estudo concedidas pela referida instituição é de vinte e sete, respeitando sete a alunos da Universidade e escolas superiores, nove aos institutos médios, quatro ás escolas de ensino técnico elementar, quatro aos liceus, dois ao Conservatório e um á Escola do Magistério Primário. A êstes numeros há que juntar 523 subsidios para educação concedidos a familias pobres, contando-se entre os subsidiados 23 estudantes do ensino técnico e 14 do ensino liceal. A despesa com a Casa Pia, que em 1925 foi de 3.000 contos, subiu para cêrca de 12.000 contos em 1944. A percentagem de aumento de ensino de anormais (surdos-mudos e anormais mentais) a cargo da Casa Pia e da Albergaria de Lisboa é de 1? por cento em relação a 1925. Se se tiver em conta a assistência prestada pelos Institutos António Aurélio da Costa Ferreira e Instituto Médico Pedagógico «Condessa de Rilvas», a percentagem tornar-se-á consideràvelmente superior.

4—Assistencia aos tuberculosos

O numero de dispensários para a observação e tratamento, em regime ambulatório, dos tuberculosos que era em 1926 de 7 (de 1905 a 1929 apenas se abriu um unico dispensário) é actualmente de 74.

Quanto aos sanatórios e casas de saude destinadas ao internamento de tuberculosos, o seu numero passou de 5 em 1926, para 23 em 1945, com a capacidade de internamento de 752 doentes e 3.324, respectivamente. Criou-se ainda em 1927 a «Assistencia aos Funcionarios Civis Tuberculosos», que assegura aos servidores do Estado, quando doentes o vencimento e o tratamento adequado. Trata-se de um beneficio verdadeiramente excepcional. Em França, por exemplo, ao funcionario tuberculoso apenas é concedida uma licença para tratamento, correndo as despesas exclusivamente por sua conta. Desde a publicação desta lei, foram socorridos, e quasi todos por meio de internamento em sanatórios, 5.844 funcionários. Actualmente encontram-se internados por conta da Assistencia 467 e são assistidos em regime extra-sanatorial 364.

Nada disto existia em 1926.

O Sanatorio de Abravezes (Viseu), a abrir no próximo mês de dezembro, e o Sanatório D. Manuel II, já quasi concluido, aumentam em mais 650 o numero de camas. A verba destinada pelo Estado á luta anti-tuberculosa passou de 2.030 contos em 1926 para 18.500 contos no corrente ano.

5—Assistencia aos cancerosos

O Instituto Português de Oncologia, além de um modelar serviço de consulta externa, dispõe de 76 camas para internamento de doentes, cifra que brevemente subirá para 326, quando concluidas as obras do hospital, já próximas do seu têrmo.

Com o Instituto Português de Ancologia despenderam-se no ano corrente, cêrca de 3.000 contos, sem contar com as importancias gastas na construção do referido hospital.

6—Luta anti-sezonática

Em 1926 não existia qualquer serviço especialmente destinado á luta anti-sezonática e á assistencia aos impaludados.

De 1931 a 1944 inscreveram-se nas estações, postos, dispensários e consultas ambulantes 416.012 individuos; fizeram-se 623.458 análises de sangue, das quais 382.897 com resultado positivo. As observações e tratamentos efectuados montaram, respectivamente, a 679.876 e 415.665. O consumo de medicamentos durante este periodo foi de:

Quinina	1.650 quilos
Ateberina	120 »
Plasmoquinina	4 »
Quinoplasmina	45 »
Vitaquina	600.000 comprimidos

Além destes medicamentos, aplicaram-se largamente várias injecções de quinina, ateberina, neostibosan, extractos hepáticos e ainda outros, tais como preparados de figado, vitaminas, etc.

Os resultados da luta anti-malárica devem-se, em grande parte, á preparação do pessoal. Assim, além dos dois bolseiros com o curso de malariologia da Sociedade das Nações (Hamburgo, Jugoslávia e Itália) a quem foi cometido o encargo de dirigirem os serviços de luta contra a malária em Portugal, receberam a sua preparação especial: 6 bolseiros com o curso de malariologia da Sociedade das Nações (Paris, Jugoslávia e Itália) e 4 com o curso de malariologia de Roma. No Instituto de Malariologia de Aguas de Moura têm funcionado, com bom aproveitamento, cursos de preparação para médicos, visitadoras e analistas dos serviços anti-sezonáticos. Estes serviços custaram, de 1931 a 1944, 11.200 contos.

7—Hospitais

A percentagem de camas por 10.000 habitantes, que era em 1926 de 10, já se eleva actualmente a 24. Em vez de 6.500 camas de que dispunhamos em 1926, temos hoje 18,725. Os Hospitais Civis de Lisboa, que o sr. dr. Soeiro conhece, hospitalizaram em 1925/26 21.895 doentes, numero que em 1944 subiu para 38.699. As consultas externas nos referidos anos foram, respectivamente, de 310.378 e 898.181. As intervenções cirurgicas foram no mesmo periodo, de 5.949 e 34.494. A importancia despendida com os Hospitais Civis, de 16,939 contos em 1925/26 passou a 49.800 contos em 1944. Como o indice de morbilidade não aumentou, a percentagem relativa ao acréscimo do numero de hospitalizados, de consultas e operações cirurgicas corresponde a uma maior extensão dos serviços de assistencia.

A melhoria dêstes demonstra-se ainda pelo aumento do numero de laboratórios de análises (2 em 1926; 6 em 1944) e pelas instalações de Raios X de que existiam 6 em 1944, ao passo que em 1926, a unica apetrechada não estava em condições de funcionamento. A capacidade de internamento em 1926 era de 3.300 doentes; encontram-se internados actualmente cêrca de 4.800.

No que respeita propriamente á edificação de hospitais, foi aprovado em 1939 o décimo segundo ante-projecto do Hospital Escolar de Lisboa, já em estado adiantado de realização, e iniciou-se em 1943 a construção do Hospital Escolar do Porto, cujas obras prosseguem em ritmo acelerado.

Os referidos hospitais, planeados de harmonia com os mais modernos preceitos da técnica, contar-se-ão entre os melhores do mundo; o seu custo excederá 200 mil contos, e terão as instalações necessárias para nêles funcionarem os serviços das Faculdades de Medicina, e a lotação de 1.500 e 1.000 camas, respectivamente. Estão em via de conclusão as obras da grande Leprosaria de Rovisco Pais, em Coimbra.

Além dêstes hospitais, estão em curso os trabalhos destinados a melhorar as instalações do hospital de S. José, tendo o Estado contribuído com as participações solicitadas para obras nos hospitais e estabelecimentos de assistência a cargo das misericórdias, e de outros estabelecimentos de assistência.

Resumindo: as despesas gerais do Estado com a manutenção dos serviços oficiais de assistência, que foi em 1926 de 23.907.215$44, subiu no corrente ano a 144.851.237$97, o que equivale a um aumento superior a 600 por cento.

Um concurso hospitalar

Quanto ao segundo ponto:

8) O artigo 35.º do decreto n.º 34.502, de 18 de abril do corrente ano, dispõe, é certo, que os directores dos centros e dos estabelecimentos e, bem assim, o chefe de serviço médico são nomeados pelo ministro do Interior de entre os psiquiatras de reconhecido mérito e capacidade para o exercício das respectivas funções.

Desconhecemos a craveira pela qual o sr. dr. Soeiro afere o mérito e a capacidade dos psiquiatras. Na falta de outro estalão, parece-nos que aquêles devem avaliar-se por um conjunto de factores tais como: numero e valor dos trabalhos publicados, tempo e qualidade do serviço prestado, classificações universitárias e obtidas em concursos a que porventura tenham sido submetidos.

Na verdade, se êstes se destinam a graduar em mérito relativo os concorrentes e a estabelecer entre êles uma ordem de preferência, não nos parece que o licenciado Polónio, classificado em primeiro lugar num concurso para médico psiquiatra, tenha mérito e capacidade inferiores aos do licenciado Soeiro, o terceiro na ordem de classificação.

No que respeita aos drs. Fernando Ilharco e Manuel de Almeida Amaral, directores do Centro de Assistência Psiquiátrica da Zona Sul e do Asilo de Miguel Bombarda, os respectivos *curricula vitae* não admitem confronto com o do licenciado Soeiro.

O dr. Ilharco trabalha em psiquiatria desde 1923; e, tendo sido proposto como assistente voluntário da clinica psiquiátrica da Faculdade de Medicina, em janeiro de 1924, foi nomeado, em 1925, após concurso assistente efectivo daquela cadeira.

Reconduzido durante 16 anos só abandonou o lugar em fevereiro de 1943, por não lhe ser permitida a acumulação com as funções de chefe de serviços no Hospital de Julio de Matos.

A sua tese de doutoramento, que defendeu em 1926 e foi classificada com 19 valores, versou sôbre a *contribuição para o conhecimento do estado do sistema neurovegetativo em diversos estados psicopáticos.*

Entre outros, publicou os seguintes trabalhos: *Lições de Psiquiatria, Alcoolismo, Os Estudos Italianos de Morfologia Humana* (da Antropologia criminal de Lombroso á Biotipologia de Pende) e o *Parecer sôbre a época de incapacidade por demência*

Quanto ao dr. Almeida Amaral que trabalha em psiquiatria dêsde 1926, foi aprovado por unanimidade em concurso de provas publicas para obtenção de titulo académico de «doutor», defendendo a tese—«Terapeutica cirurgica das doenças mentais». Publicou mais dez trabalhos em revistas cientificas e profissionais sendo um dêles o primeiro publicado em Portugal sôbre «Terapeutica pelo electrochoque na psiquiatria». Um dêsses, «Modernos processos de selecção psicologica», mereceu a honra da tradução em outro idioma.

Exerceu as funções de assistente efectivo de psiquiatria na Faculdade de Medicina, mediante concurso realizado em 1927, de director clinico da Casa de Saude da Idanha, da clinica de neuro-psiquiatria do Hospital de Marinha e do Gabinete de Estudos Psicológicos da Escola Naval. E' oficial médico com a graduação de 1.º tenente-médico, nomeação precedida de concurso de provas publicas.

A forma como exerceu as funções de assistente efectivo de psiquiatria e de médico do Manicómio Bombarda é atestada em documento elogioso pelo dr. Sobral Cid.

O modo como desempenhou a sua actividade de especialista de neuro-psiquiatria no Hospital de Marinha, em 15 anos de serviço, está documentado em louvores dos directores dêsse hospital, alguns dos quais foram confirmados em despachos ministeriais que louvaram também a sua colaboração e interêsse pelo serviço.

Trabalhou em varias clinicas psiquiátricas de Espanha, França e Alemanha, sendo actualmente bolseiro do Instituto para Alta Cultura.

Tanto o dr. Ilharco como o dr. Amaral fazem parte da comissão especial de psiquiatria da Ordem dos Médicos e, nessa qualidade, intervieram na atribuição ao dr. Soeiro do título de especialista de psiquiatria.

O dr. Navarro Soeiro frequentou, desde 1938, como assistente voluntário, a clinica psiquiatrica da Faculdade de Medicina e exerce as funções de médico assistente no hospital de Julio de Matos desde 1942, mediante concurso em que ficou classificado em 3.º lugar.

De colaboração com o professor Barahona Fernandes e com o dr. Tavares de Sousa, publicou um trabalho com o titulo «Estudos Clinicos e Anatómicos sôbre o delirio agudo».

Foi assistente do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, lugar provido por concurso de provas publicas.

O tempo de serviço prestado pelos drs. Ilharco e Amaral na Assistência psiquiatrica e no exercicio da clinica de psiquiatria é incomparavelmente superior ao do licenciado Soeiro, que tem desviado a sua atenção para actividades estranhas á psiquiatria.

Por ultimo, correndo pela Direcção Geral de Assistência o expediente relativo á nomeação do pessoal dos estabelecimentos iniciais de assistência, na mesma não deu entrada qualquer proposta ou indicação relativa á nomeação do dr Soeiro para algum dos cargos referidos na sua carta, facto que não exclue a hipotese de terem sido feitas as sugestões e recomendações de natureza particular, habituais em casos idênticos

Mas estando a nomeaçdão condicionada ao mérito e capacidade dos médicos a nomear, a verdade é que nos aludidos cargos foram providos os mais aptos, e com mais experiencia adquirida, não só no exedcicio efectivo de outras funções publicas, como ainda no exercicio da clinica da especialidade.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o director geral da Assistência, *Guilherme Possolo*».

VIDA ARTISTICA

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, e promovida pelo Instituto Espanhol de Lisboa, foi hoje inaugurada uma exposição de quadros do pintor espanhol Lázaro Lozano e de esculturas do seu compatriota Juan Avalos. A interessante exposição, que estará patente ao publico até 5 do próximo mês de dezembro, das 14 ás 19 horas, faremos ámanhã a merecida referência.

Exposição Fausto Sampaio

O brilhante pintor Fausto Sampaio, que regressou há pouco de uma viagem á India Portuguesa, inaugura no próximo dia 2, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma notavel exposição de aspectos de Gôa, Damão, Diu e Moçambique. Fausto Sampaio apresenta mais de cem quadros, todos eles de um alto interesse artistico, e muitos de documentação historica.

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

Diálogo com um colega

Um colega que muito preso, espirito curioso e culto, já como eu na idade da razão, dizia-me há dias o seguinte:

—Há, meu caro, uma unica verdade absoluta—a qual vem a ser que tudo é relativo. Não julgue que me proponho com esta afirmação «posar» em filosofo ou homem de ciência. Eu instálo-me na minha confortável ignorancia e declaro-me intèiramente estranho a essas coisas consideráveis e dificeis. O que me interessa na vida são, principalmente, as pequeninas observações comesinhas, os factos insignificantes. A vida é um rio, eu mergulho nêle e vejo, encantado, o peixe miudo e vivaço, passar junto de mim. Limito-me, assim, a ver e a ouvir—actividades fáceis de exercer por quem não fôr cego nem surdo. E contento-me com o que está próximo e ao meu alcance. O que está longe, pouco me interessa. Sou um sedentário. Não gosto de ir ter com as coisas. Bastam-me que elas venham ter comigo. Por mim nunca a América teria sido descoberta. Diante de um ceu estrelado, contento-me com a sua contemplação, aceito as estrélas como lantejoulas mais ou menos brilhantes e não me interessa nada saber que elas me parecem assim pequenas porque estão longe. Acho que não me cumpre saber o verdadeiro tamanho das estrelas. Considero essa curiosidade inconveniente. O Criador quis que eu as visse assim e eu devo obedecer-lhe. O telescópio é uma falta de respeito, uma má criação cósmica. Os empresários de teatro dificultam o acesso á «Caixa», para que o publico não se desencante vendo os cenários ás avessas. Ora nós devemos aceitar os espectáculos tais como as empresas os fornecem. O Homem tem feito mal em construir uma ciência para além da sensação e do aparente. Daí terem-lhe chovido em cima os castigos biblicos. Ora veja o colega se depois de Jehovah ter manifestado a sua vontade com aquilo da Torre de Babel há o direito de escrever dicionários e guias de conversação. E' uma oposição directa á vontade divina! E estou bem acompanhado nêste meu ponto de vista. O Comte considerava o microscópio uma bisbilhoteirice inutil. Se êle, que era um fi-

RAMADA CURTO

(Continua na 11.ª pag.)

1.º CENTENÁRIO

Eça de Queiroz ou o romancista mais actual do século

«HELLO»

o filósofo do misticismo

Apresentado pelo ilustre jornalista Tomás Gamboa, editou-se agora um breve mas valioso volume sobre Hello, grande e quasi desconhecido pensador catolico que, no seu refugio de Keroman, Bretanha, ergueu a sua voz ás verdades eternas da moral, da consciencia e do espirito. A sua prosa flamejante como que se contrái de dôr ao encarar o seculo, mas tambem que belas expressões ele descobre para guiar os cegos da vida mistica, para lá das fronteiras do mal e da duvida. Hello não era, apenas, um apostolo, mas um profeta em cuja linguagem há aqueles acentos imortais que ecoam na Biblia. Tomás Gamboa, num prefácio modelar, evoca essa estranha figura do seculo XIX, dando-nos depois os passos lapidares das suas obras «Le Siècle», «L'Homme», «Du Neant à Dieu», etc.

OS NOSSOS CONTOS

ADEUS, RHAMA SITA!

por CONRADO SELVAGEM

Chove. Chuva mandada do céu em oblíqua. Rhama Sita, armado e equipado, com o seu imponente turbante que tão bem lhe vai no rôsto escuro e magnifico, tem um pé no empedrado da gare e outro no estribo do comboio que o vai levar para a guerra. Os seus olhos negros estão postos naquelas duas mulheres que lhe dizem adeus encostadas á corrente de ferro que separa os soldados que partem de quem se despede e fica. A mais novaé bela como um lírio e frágil como uma haste de arroz. A mais velha, curvada como uma palmeira ao vento, e encarquilhada como a casca de uma árvore milenária. A noiva e a mãe de Rhama Sita. O chefe da estação apita e o guarda responde-lhe, soprando naquela irritante gaita de metal amarelo. Teeeeeee!!! A máquina ronca, resfolega e arranca. Lança-se em direcção ao pequenino bosque que está mesmo na curva da linha férrea. Já não chove e há uma aragem fresca que faz esvoaçar os lencinhos brancos, vermelhos e amarelos dos que ficam na estação. Em tôdas as carruagens, ás janelas, rompem as cabeças dos soldados que gritam frases soltas e estendem os braços para a gare que ficou lá longe. Rhama Sita está na plataforma da ultima carruagem. Tem os olhos fechados. Não grita frases soltas nem estende os braços. Dentro dos seus olhos está tudo como há bocado estava diante dêles. A gare. A corrente de ferro que separa os soldados que partem de quem se despede e fica. A mãe. A noiva e os seus seios pequeninos que tantas vezes tivera na palma das mãos. Tudo. Tudo dentro dos olhos de Rhama Sita.

Rhama Sita está caído entre arbustos de fôlhas verdes, miudinhas. O seu imponente turbante ficou lá adiante, junto da espingarda abandonada que refulge ao sol. Nó entanto, o seu rôsto escuro continua a ser magnifico, mesmo sem turbante. o vento sopra-lhe a barba e inunda-lhe os olhos de frescura. Pena que aquela impressão no peito cada vez esteja mais presente e o fio de sangue lhe faça cócegas no queixo e no pescoço. Mas, verdadeiramente, já não tem fôrças para o limpar. Depois, aquêle sol! Sim, aquêle sol incomodava-o bastante!

«As vacas, Rhama Sita, onde estão as tuas vacas?».

Que sabia! Sim, que sabia Rhama Sita, agora, das vacas? E eram bem bonitas; se eram! Umas brancas, outras malhadas e uma, então, tôda preta e com o focinho rosado! Francamente, tinha saudade das vacas! De as vêr tosando a erva e caminhando com passos lentos para o estábulo. E era engraçado quando elas mugiam! Uuuuuuuuu!

«As vacas, Rhama Sita, onde estão as tuas vacas?».

Não sabia. Há muito tempo já que os seus dedos hábeis lhes não apertavam as têtas e se não molhavam de leite. Mas agora, tinha graça, sentia os dedos também molhados!?

Ah, sim! O sangue!

Rhama Sita volve os olhos para a mata de bétulas que está defronte. Um pássaro sai de entre a folhagem, saltita até junto dêle e começa a debicar-lhe a sola das botas. Rhama Sita sorri. Era atrevido, o bicho! Ou vidente? Uma das pernas move-se subitamente e o passaroco vôa, apavorado, para o mato.

—«Dói-te a cabeça, Rhama?».

—«Não, mãe! Já passou!».

A mãe. Que tinha que lhe doesse a cabeça!? As mulheres, e sobretudo quando são mães, têm preocupações bem estupidas!

A velhota então, assustava-se por tudo e por nada. Uma corrente de ar, uma chuvada, mesmo dessas que não fazem mal a um recém-nascido, de tudo a mãe fazia uma tragédia. E, afinal, quem sabe? Talvez tivesse razão! Dizem que os velhos sabem mais que os novos...!

E será verdade?

Rhama Sita sente um pêso nos olhos. Que será? Tem sono, é o que é! Mas, quem pode dormir debaixo daquela soleira infernal? Quem pode? Se ao menos conseguisse atravessar a clareira e ir esconder-se no bosque! Tenta. Penosamente, arrasta-se na terra e, a cada movimento, a tal impressão no peito acentua-se e uma mancha de sangue marca a sua passagem.

Onde estariam agora os seus companheiros? Tinham partido todos e êle ali ficara, como morto, com uma bala a vará-lo de lado a lado, entre as costelas. Maldita sorte! Nem ao menos a mãe, para preguntar:

—«Então, Rhama? Dói-te muito?».

—«Pouco, mãe! Isto já passa!».

E ela então havia de fazer-lhe festas na testa e no peito, como dantes, quando era garoto, e cantar:

«Dorme, pássaro pequeno!
Meu pequeno passarinho!
Dorme um sono de inocência
Na penugem do teu ninho!».

E êle ali, sózinho, a estoirar como um cão! Maldita sorte!

Ah! Se pudesse beijar de novo uma bôca fresca de rapariga! A noiva. Que saudades! Que andaria a fazer áquela hora? O costume, o que havia de ser? Levar o gado ao pasto, matar-lhe a sêde no bebedouro e trazê-lo, no fim da tarde, para o estábulo.

Quando corria com ela através dos campos e lhe enchia os braços de flôres e a beijava bem nos lábios até lhe cortar a respiração!

Que saudades!

Rhama Sita conseguiu, finalmente, chegar ao meio da clareira.

A dôr no peito acentua-se mais e mais. Agora é verdadeiramente insuportável. Deixa-se cair de bruços e os seus lábios tocam a terra. Num esfôrço, volta-se. Tem um soluço e sente a bôca cheia de sangue. Lentamente, engole-o, bebe-o como quem bebe um xarope intragável. Há um pêso nos seus olhos. E' o sono que se aproxima.

Nunca mais, vacas, sereis mungidas por Rhama Sita!

Nunca mais, velhota, a tua voz embalará o sono do teu filho!

Nunca mais, pequena, os teus seios poisarão na palma das mãos do teu amado!

E tu, passaroco atrevido, podes voltar a debicar a sola das suas botas. Podes vir sem mêdo, porque Rhama Sita adormeceu finalmente, mesmo debaixo desta soleira infernal.

Não ouves êsse comboio que parte e deixa para trás o mundo cheio de lencinhos brancos, vermelhos e amarelos a esvoaçar?

Não vês na plataforma da ultima carruagem, êsse soldado de turbante, com os olhos fechados?

E' Rhama Sita que dorme.

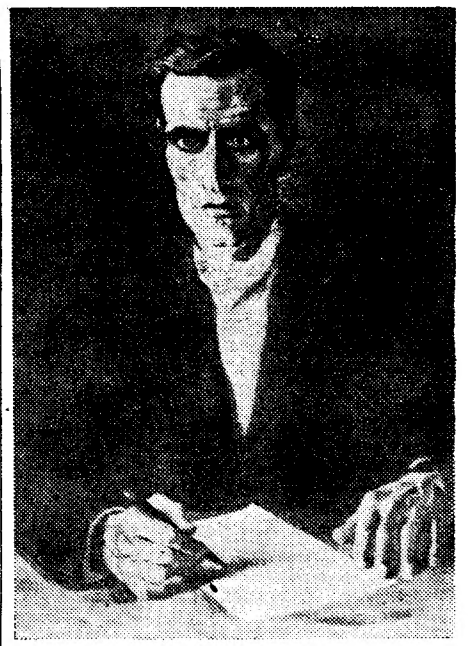
E desta vez para sempre.

(Do livro a sair: «Amores Eternos»).

1 Na colecção Bibljoteca de Rapazes: «O ultimo Moicano», de Fenimore Cooper, admiravel romance de aventuras que a juventude de ontem legou á de hoje, como um dos melhores temas de imaginação. Na Biblioteca das Raparigas: «Sem familia», de Hecter Malot. Livraria Portugalia.

«VINDIMA»

Romance de Miguel Torga



Há alguma coisa de acido, de corrozivo, na prosa veemente e exacerbada de Miguel Torga. Ela como que nos suplicia, atirando-nos á cara, ou fascinando-nos, a miseria da vida, a nudez dos instintos e as grandes rebeliões da consciencia. Há nela de novo como que um ultra-realismo carnal, que nos reporduz o individuo na sua quimica interna do físico e do libido. A forma de Torga é de uma ferocidade que sangra. Mas não é a de um cinico. Tal dureza irmana-se com o sofrimento. O homem da «Criação do Mundo» e dos «Bichos», que se fez por si, fora de todos os templos literários, é, de facto, como já o dissémos, o escritor mais expressivo do nosso momento literário. O seu ultimo romance «Vindima», rude como a terra, da qual nós sentimos como que os gritos abafados e o rumor escabujante da torrente impetuosa do Douro, é alguma coisa de excepcionalmente dramatico e humano. Sem paralelo, evidentemente, ele dá-nos o que há de doloroso nas vidas que se quebram, se estorcem, sob o peso dos cachos maturados, voluptuosamente, e a vindima dos sentidos das gentes, que nasceram da terra, com a mesma espontaneidade das arvores e das pedras.

No meio desse fresco, pintado de verdade, no qual há dorsos curvados de escravos de trabalho, mas onde o amor e a vida têm a beleza primaria dos gestos simples, destaca-se, como um simbolo, meia duzia de figuras da cidade, de medula pôdre tocadas do vicio dos interesses para os quais a terra é, apenas paisagem, e o individuo produto infra-humano. Mas, emquanto os primeiros, no ciclo das fainas repetidas, como que saem vencedores, na sua humildade, que não é resignação; os segundos, como que se liquidam no veneno amargo das suas intrigas e paixões gangrenadas. «Vindima» atinge, de certa maneira, dentro do seu localismo, o que os melhores escritores americanos têm feito, realistas e poeticos, mas sobretudo, na procura de novos caminhos ao homem. Admiravel um tipo de mulher que surge, no meio de «Vindima», figura de um ideal, cuja beleza aerea é tão próxima como distante. E ele a chama do pensamento, mas tão integrado dentro da vida, que o seu marmore de estátua palpita como carne.

«O neo-realismo»

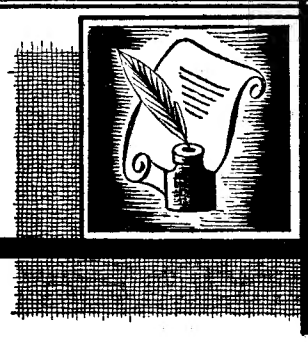
por JAIME BRASIL

O moderno fenomeno literário mereceu a Jaime Brasil um daqueles seus estudos lapidares, em que a ideia, vasada numa forma correcta e clara, traça as novas coordenadas literárias do romance em Portugal. Jaime Brasil fixa os avatares do «Neo-Realismo» português, de certo modo, determinados pelos escritores brasileiros, que os hauriram, de resto, nos romancistas americanos, e não esquece Zola, fundador da escola mater, donde aquela, final se origina. Jaime Brasil com profunda densidade de pensamento critico e valor expositivo dá-nos como que um panorama crítico-histórico dos valores da nova escola. Entre outros, cita, com muita justiça, Ferreira de Castro.

2 Na Colecção de Classicos Sá da Costa: «Cancioneiro da Ajuda», primeiro volume, com prefacio e notas do professor Marques Braga, e o II volume das «Decadas», de João de Barros, selecção prefacio e notas de Antonio Baião.

3 «Amores no Campo», da conhecida escritora Sarah Beirão. Deste romance publicou-se agora a sexta edição. Isto prova que o publico o recebeu com agrado, e o continua a ler com interesse.

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

Alves Redol: um escritor que se procura

A Editorial Inquérito deu-nos, em edição monumental, os três primeiros romances de Alves Redol, *Gaibéus, Marés e Avieiros*.

Vão surgindo, no nosso mercado livresco, por influência de editoriais estrangeiras e, mais directamente, brasileiras, algumas iniciativas do género. Não creio que estas sejam sempre de alcance prático notável. O hábito antigo, tão razoavel, de editar obras longas em vários tomos, parece ceder ante o gôsto do monumental, caracteristico da nossa época. No entanto, quando o ritmo acelerado da vida moderna nos obriga a aproveitarmos todos os momentos em que a atenção se conserva disponivel, mesmo em viagens curtas ou esperas fortuitas, parece-me um tanto contraditória a publicação de volumes enormes, dificilmente transportáveis e impróprios para a leitura passageira que, por vezes, somos obrigados a fazer. Abro uma excepção para as obras poéticas (não falando, naturalmente, nas técnicas ou cientificas), mais propicias a leitura repousada, além, de se candidatarem a vida mais longa em tomos maciços do que nas plaquettes «para raros apenas», de reduzida tiragem e de tão escasso numero de páginas que o leitor vulgar, de ordinário menos inclinado a tal género, se retrai ante a espórtula geralmente pouco em harmonia com as proporções miniaturais da obra. Neste sentido, as edições das obras poéticas de Alberto de Serpa e Casais Monteiro, levadas a efeito, precisamente pela Inquérito, representam uma consoladora compensação para um género há tanto abandonado pelos editores.

Os romances de Alves Redol, porém, não necessitavam de tal divulgação. Embora a publicidade afirme que tais obras estão há muito esgotadas, o certo é que, antes desta edição conjunta, *Gaibéus* e *Avieiros* tinham atingido a terceira edição, e *Marés* ia na segunda.

Por outro lado, Alves Redol, apesar de fecundo, está longe de ter atingido aquele ponto de uma carreira em que o escritor, mesmo continuando a produzir, pode iniciar a edição das suas obras *completas*. Até hoje, Alves Redol deu-nos quatro romances. O volume a que me refiro inclue os três primeiros...

Surgido num momento em que se diferenciavam as duas ultimas gerações de escritores, quando, na mais recente, tudo era impugnação e polémica, e as realizações tardavam em concretizar os pontos de vista defendidos, Alves Redol, equipado, melhor do que nenhum então, com qualidades e conhecimentos para pôr em prática as teorias em curso, beneficiou em parte da atmosfera quási ansiosa que rodeou o seu aparecimento.

Gaibéus foi, na verdade, uma bela estreia (pondo de parte a monografia duma aldeia ribatejana que o autor publicara antes). Estava-se no segundo ano da guerra, em plena efervescência dos grandes problemas sociais que o conflito projectava por todo o mundo, e a influência dos escritores da *Presença*, alargada emfim até ao grande publico, favorecia, um pouco tardiamente, a eclosão dum romance de análise, com laivos de Proust e singularidades á Gide. Por outro lado, o romance brasileiro, e, em menor escala, o norte-americano, começavam a ser lidos entre nós. Se o romance brasileiro era já, em certos casos, uma redução do norte-americano, o novo romance português, se dominado por uma influência igualmente directa, ameaçaria ser uma miniatura do brasileiro.

Deu-se isso, em parte, com *Gaibéus*. O seu lirismo e o seu humanitarismo aproximam êste romance, excessivamente por vezes, das concepções literário-sociais dum Jorge Amado ou dum Graciliano Ramos. A tradição do regionalismo português e os dotes próprios de observação do autor salvam-no da imitação pura. Emquanto Alves Redol vê o camponês e a tarefa que êle executa, nos dá os seus diálogos cheios de realidade e procura penetrar no íntimo das suas preocupações, as páginas que escreve são pessoais e *Gaibéus* surge-nos, mais do que uma esperança, uma consoladora realidade. Mas quando se lembra das sugestões colhidas em leituras recentes, transportando para o Ribatejo simbolos do nordeste brasileiro e oferecendo-nos o contraste do patrão e do trabalhador duma forma que evoca a sátira do *S. Bernardo*, de Graciliano, situando-se, no entanto, a enorme distancia dela, o seu lirismo parece-nos gratuito e o seu humanitarismo resulta simplista.

O grande mérito dêste livro está na novidade—aliás sem consequências, mesmo na obra posterior do autor—de pretender dar-nos o romance sem personagens, com uma grande personagem colectiva, o rancho de *gaibéus* movendo-se e penando, aspirando e sofrendo. Tôda a primeira metade, mau grado a exaltação lírica, é equilibrada, e muitas vezes admirável. O *ceifeiro rebelde*, o Francisco Descalço, a Rosa, a *mãe doente*, a Ti Maria do Rosário, são manifestações atenuadas de individualismo, que mal se destacam da grande massa amorfa. O estilo dá-nos por vezes com extraordinária mobilidade a descrição da faina da pequena multidão, e quando se atarda na descrição da imaginativa sem horizontes dos humildes herois, nos seus receios e esperanças, sabe, quási sempre, escolher os tons certos em que há-de projectá-los.

Mas Alves Redol não é autor que se contente em sugerir. Precisa de demonstração completa. E aqui lhe falta o pulso. A Rosa, ao tornar-se a amásia de Agostinho Serra, temê já a prostituição—o que acusa excesso de consciência na pobre rapariga ignorante do mundo. O Serra é o cinico de profissão, e o Descalço segue-lhe as pisadas. Os pequenos *gaibéus* são também estranhamente conscientes dos seus males, e um dêles, que será mais tarde o *Nove*, tira duma frase vulgar, usada nas brincadeiras de rapazes, profundas e duradouras conclusões, que o levarão a escolher a alcunha. As desigualdades sociais surgem com um relêvo que não deixa nada á imaginação do leitor.

Além disso, é nesta parte do livro que as influências brasileiras se fazem sentir mais fortemente. Sonha a Rosa com a rua Pedro Dias—ou do Siriry—e é da estirpe brasileira dos Jorge Amado e dos Amando Fontes. O Agostinho Serra é todo convencional, e não atinge a craveira dum senhor de engenho, mesmo trasladado para português. Os pequenos *gaibéus* e *rabezanos* vieram da cidade da Baía e perderam-se numa pequena praia portuguesa. E o pai do *Cadete* foi cangaceiro no Ribatejo, e depois de morto brilha no setestrelo, tendo já o seu A B C no *rimance do campino*.

Apesar disso, as páginas em que o autor descreve o que observou, sem a intromissão de presenças estranhas, vão desde o inicio até á desolada despedida final, e são admiráveis.

Gaibéus é uma longa crónica, com afloramentos poéticos e frementes anseios de justiça social.

Mas o romance português estava em fase de viragem, e o autor de *Gaibéus*, unico ainda então revelado da nova falange, perscrutava ansiosamente, entre os vários caminhos, o seu caminho. Desta rebusca surgiu *Marés*, publicado no ano seguinte.

Se *Marés* aliasse á linha do enrêdo um estilo regular, se fôsse escrito com mais largueza, se certas ideias preconcebidas não tivessem desviado o intuito simples do autor, ou se a essas ideias êle tivesse sido capaz de dar tôda a amplitude, estaria aqui o seu melhor romance. Em todo o caso, sendo, infelizmente, o seu livro mais mal escrito, é o unico dos que publicou com o distico de *romance* que mantem, de principio a fim, uma linha evolutiva de acontecimentos que o estrutura como tal. E é também aquele em que os antagonismos sociais não prejudicam, pela insistência ou pela ingenuidade da exposição, a qualidade literária da obra. O estilo, quási sempre talhado em periodos curtos, mas procurando dar, através dêles, os sobressaltos e as ansiedades duma alma, é, no entanto, pretencioso e concentra as piores tendências da prosa de *Gaibéus*. O processo é sempre, por assim dizer, impressionista, mesmo quando o autor pretende pintar quadros mais á larga, mas em vez duma aparência de unidade colhe-se uma impressão de dispersão. Encontram-se aqui fundidos (decerto inconscientemente) os processos do Erico Verissimo de *Clarissa* e do Graciliano Ramos de *Angustia*, ou seja: a superficialidade das impressões colhidas nas palavras similares, nos disticos que o olhar aprende de passagem, engendrando pretensas profundidades de estados de espirito. Dominando o processo, longinquamente, encontra-se Proust, o homem das sensações visuais, auditivas e gustativas gerando estados emocionais. Quem o diria em Alves Redol! E no romance social!

Mas em *Marés* há, como disse, uma estrutura de romance que deixa a perder de vista a forma como é desenvolvida. Os primeiros quadros, os da infancia do protagonista, dão com propriedade e com beleza os seus principios humildes. E' aí que Alves Redol se sente á vontade. A inserção dos quadros da decadência duma casa fidalga aparece, no decurso do enrêdo, forçadamente, em obediência a uma das tais ideias preconcebidas do romancista, qual a de dar o desenvolvimento dialético da época que conduziu da monarquia á republica. Essa ideia afirma-se paralelamente á descrição da vida de Francisco da Silva Diogo, filho de cavadores e sucessivamente marçano e comerciante açambarcador, candongueiro, e, por fim, falido.

O assunto era um achado. Desenvolvesse-o Alves Redol sem preocupações de assombrar por malabarismos de frases, de estravagancias gráficas (veja-se ao alto da página 339 da presente edição esta linha de prosa: «ladrões, Ladrões, LADRÕES, ladrõeS, ladRões, LAdRÕeS)»), de pretenciosas escavações psicológicas sem conteudo real, fôsse objectivo, impessoal (da impersonalidade que consiste em o romancista se não insinuar nas personagens, não da que resulta, como aqui, do excesso de influências), e ter-nos-ia dado um verdadeiro romance, o que não seria pequena coisa nas nossas letras.

Avieiros veio já num momento de maior robustecimento das convicções entre as quais se gerava um romance de caracteristicas nacionais. As realizações eram, entretanto, ainda escassas. Por isso mesmo deve-se pôr em relevo o esfôrço continuo de Alves Redol, na persecução dum tipo de romance que correspondesse ás coordenadas da vida moderna, sem por isso se afastar da realidade portuguesa.

Talvez o hábito de catar influências brasileiras no autor de *Gaibéus* levasse alguns, com menos justiça, a procurar a ascendência de *Avieiros* no *Mar Morto*, de Jorge Amado. Tal influência, a constatar-se, implicaria uma apropriação do ambiente, ao contrário de em *Gaibéus*, onde as semelhanças com obras brasileiras recentes são de pormenor, e em *Marés*, em que as aproximações verificadas residem nas particularidades do processo literário. Ora, se existe alguma identificação dos dois ambientes, o da Baía-de-Todos-os-Santos e o da Borda-de-Agua do Tejo sobranceira a Lisboa (e não a vejo), não era isso motivo para que o escritor português, profundo conhecedor da região, renunciasse ao intuito de no-la descrever.

Mais do que em qualquer dos seus livros anteriores—e talvez dos posteriores—Alves Redol mostra-se aqui senhor dos seus dons de estilista e de observador. Sensivel á magia de criar ambientes e de descrever personagens por dentro e por fora, Redol fá-lo, porém, com uma consciência e um sentido da verdade que nos dois livros anteriores surgem deturpados por excessos liricos ou preocupações de efeito literário demasiado visiveis. Muitas páginas de *Avieiros* dão-nos, com largueza—aquela largueza que desejáramos em *Marés*—o viver da população ribeirinha com os seus anseios, esperanças, tristezas e rebeldias. Há tipos que são simbolos: Olinda, transformada em Maria do Rio, animosa e valente; Toino da Vala, com arranques de decisão e quebrantos de desalento; ti Lobo, arrastando saudades do mar á beira do Tejo. Foi nêste livro que Alves Redol subiu mais alto como artista; se aqui ressurgem os quadros movimentados em que se revelara mestre, desde o seu primeiro romance, as cenas de duas ou três personagens, onde os sentimentos falam mais que as palavras—cito, por exemplo, o capitulo *O menino adormeceu*—revelam-nos no escritor dons de dramatização que até então haviam aparecido embrionários. Por contraste, e como para marcar os progressos alcançados, perpassam num capitulo as personagens de *Gaibéus*. O autor é fiel ás suas simpatias; a Rosa, que afinal volta ás ceifas, continua a sonhar com a rua Pedro Dias, numa insistência que parece mais tentação do que fatalidade. Mas quem duvide do valor do artista literário leia, nesta edição, as páginas 517 a 519, que se podem citar entre muitas outras.

Se *Avieiros* é um livro em que se sucedem

(Continua na 11.ª pag.)

«HISTORIA DA MENTIRA ATRAVÉS DOS TEMPOS»

de Cristiano Lima e Almeida e Sousa

CRISTIANO LIMA

A ideia não deixa de ser curiosa, se não inédita. Fazer uma «Historia de Mentira» nada tem de paradoxal, embora pareça á primeira vista original, e até negativa. Mas, afinal, de que vive o homem? A lenda, a ficção, o sofisma, o êrro, são, porventura, variantes ou interpretações do que nós julgamos ser o outro lado da verdade? Cristiano Lima, jornalista e dramaturgo brilhante, e Almeida e Sousa, um novo literário, deram-se as mãos neste livro que tem autenticidade de factos e de materia. A sua «Historia da Mentira» é uma perspectiva sobre o que se tem dito, escrito, afirmado e inventado através de figuras e acontecimentos que, até hoje, de certo modo aparecem envoltos nos ouropeis de um falso prestigio. Entre outros casos, os autores tratam da Invencivel Armada, de Inês de Castro, coroada depois de morta; Roma e a Mentira; das origens de Lisboa; do Japão e da China, etc., com um interesse palpitante. A «Historia da Mentira» é uma obra que tem leitores garantidos. E' como certas peças de Pirandelo, em que a verdade é de tal maneira espectralizada, decomposta, que nós já não sabemos onde ela está e não está, se é ou se foi, o que era e o que devia ser. Cristiano Lima afirma-se um memorialista, que sabe extrair do passado e do presente os suficientes elementos dedutivos para nos demonstrar que a sua teoria não é agressora, nem transgressora, mas uma realidade incontestavel. Prova-o com verdades absolutas—que não mentem!

A «Historia da Mentira através dos tempos» é apresentada numa edição de que é depositaria a Cosmos.

À VENDA NAS LIVRARIAS

Dois novos livros da EDITORIAL GLEBA:

CONTOS INGLÊSES MODERNOS

1.ª SÉRIE

Selecção e prefácio de **CARMO VAZ**

Tradução de **Margarida Barbosa, Carmo Vaz** e **Gustavo de Mendonça**

PREÇO 18$00

Recordações da Infância e da Juventude

de ERNEST RENAN

Prefácio e tradução de **Flausino Torres**

PREÇO 15$00

Pedidos a: **EDITORIAL GLEBA, L.DA**

Rua da Madalena, 211-3.º — Telef. 28933 — LISBOA

Um romance que tôda a pessoa culta DEVE ter lido:

MADAME DE STAEL

CORINA

na magnifica tradução de

MERCEDES BLASCO

«...um dos mais belos livros da escritora francesa... Páginas de empolgante beleza...» *(Diário de Lisboa)*.

Um vol. de 552 pág. Esc. 22$00

EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÃO ARGO LISBOA

ARCADIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

FORMIDAVEL EXITO DA

ORQUESTRA PRIETO

GRANDIOSO CONJUNTO DE MUSICA MODERNA COM AS ANIMADORAS

CONCHITA MUÑOZ e INESITA PEÑA

EM PLENO TRIUNFO

ROCIO Y CESAR -- HERMANAS APARICIO

ORQUESTRA ARCADIA com o animador JOÃO VALERIO

Dentro de dias: ESTREIA DUM INTERESSANTE CONJUNTO COREOGRAFICO

CAPITOLIO

Companhia Espanhola **SAGI-VELA**

A'S 21,30 — ESTREIA

em Portugal da zarzuela

MANBRU SE VA A LA GUERRA

outra corôa de gloria do divo cantor

SAGI-VELA

Sabado, «matinée» ás 16 horas

LISBOA MUSIC-HALL

PARQUE MAYER

às 21,30 horas

Um novo e colossal programa de variedades com 2 primorosos cantores da rádio

MARIA LEMOS e TITO LIVIO

as atracções espanholas

MARY MERCHE—CARMEN DEL RIO —CARMELITA DE CORDOBA

Os artistas portugueses

MARIA DO ROSARIO

DANIEL MARTINS—BRANCA VELEZ —RENATO CHAVES—SAMUEL MAIA

e a orquestra CARAVANA

PREÇOS: 1.ª plateia, 10$00; 2.ª plateia, 7$50; camarotes, 50$00; frisas, 70$00.

BERTA CARDOSO

Monumental

MANUEL CALIXTO

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11

NOITE DA MODA

Noite da Moda, no categorizado **Monumental,** é sempre motivo de reunião da **sociedade elegante,** para apreciar os melhores **Fados, Guitarradas** e **canções de Coimbra.** Cantam: a clássica artista **BERTA CARDOSO, LOUBET BRAVO** «cantor» **Brigida Silva, JULIO PROENÇA, Manuel Calixto** e **Julio Vieitas. Solos** pelos extraordinários **Carvalhinho** e **Pais da Silva.**

APOLO

2 — SESSÕES — 2 A's 20 e 30 e ás 22,45

A vitoriosa revista popular

Bolacha Americana

com Herminia — Costinha — Armando Machado — Santos Carvalho (R.) no compere e as grandes atracções

ALBERTO RIBEIRO — Maria Sidónio e José Puertas

CERVEJARIA ARTISTICA

Largo de Alcantara, 1

Quinita Gomes

Hoje, «soirée» de bom **Fado castiço, humorismo** e **guitarradas,** pelos distintos artistas **QUINITA GOMES, Maria Loureiro, Frutuoso França, Fernando Madureira, José de Freitas** «Sua Ex.ª o Sr. Freitinhas». Desgarradas e **dueto humoristico. Entrada, 1$50.**

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE — A's 21

A Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, apresenta

OS MAIAS

Peça em 5 actos (7 quadros) extraida do romance de **Eça de Queiroz,** por José Bruno Carreiro

TRINDADE

HOJE às 21,45

LISBOA INTEIRA RI com

A célebre comédia de BERNARD SHAW

Pigmalião

com LALANDE, ASSIS e ANTONIO SILVA

Sábado e domingo, matinees as 16 horas

PARQUE MAYER

A's 23 horas

Reapareceu a ORQUESTRA INTERNACIONAL

MANOLO BELL

No colossal programa:

MARY MERCHE — CARMEN DEL RIO

CARMELITA DE CORDOBA — BALLET GRANADA

e a orquestra portuguesa de ritmo moderno

CARAVANA

AVENIDA

TELEFONE 27273

TODAS AS NOITES

2 SESSÕES às 20,30 e 22,45

UM EXITO RETUMBANTE! A célebre opereta

A CASTA SUSANA

numa nova realização de Piero

com IRENE ISIDRO-ESTEVÃO AMARANTE ERICO BRAGA

Sábado, matinée extraordinária as 16 horas

IMPERMEAVEIS

GRANDE LIQUIDAÇÃO

NA

CASA DA RUSSIA

142 — Rua Augusta — 144

Descontos de 20 a 30 0/0!

MARIA VITORIA

Telefone 22746

2 SESSÕES: Ás 20,30 e 22,45

LUISA SATANELA

na revista popular

A VITORIA

com o quadro nove

«O CARRO DO CAMPO 28 DE MAIO E O CARRO ALMIRANTE REIS»

Um sucesso de gargalhada

Sábado, matinee extraordinária ás 16 horas

São Luiz

T. 27172 — As 21,30

A CANÇÃO TRIUNFAL

com James Cagney e Joan Leslie

TIVOLI

2.ª SEMANA

A's 21 e 30

TELEF. 50595

Rumo a Tóquio

Cary Grante e John Garfield

EDEN

A's 21,30

Telef. 2 0768

2.ª SEMANA

O amanhã é nosso

com

Alland Lado, Loreta Young e Susan Hayward

«Matinées» diárias

TELEFONE 26305 — Politeama — HOJE ÁS 21.30

ULTIMA

Beijos roubados

(em tecnicolor)

com

Joan Bennet, George Raft e Vivian Blaine

VARIEDADES

2 SESSÕES As 20,30 e 22,45

Hoje e todas as noites

O maior acontecimento de todos os tempos, o grande êxito da revista popular

ALTO LA' COM O CHARUTO!

Com Mirita, Vasco e Alvaro Pereira à frente de uma Grande Companhia

ODEON

A's 21 e 30

PALACIO

A's 21 e 30

ESTREIA

Uma das três raparigas

com Deana Durbin e Joseph Cotten

CONDES

A's 21 e 30

Telef. 22253

Nova Lua de Mel

com Jean Arthur, Charles Coburn e Lee Bowman

Manuel Fernandes

RETIRO DOS MARIALVAS

Empresa José Miguel

T. 25676

HOJE, ás 21 horas, fados e guitarradas, com: Guiomar da Conceição, Adelaide Cardoso, Manuel Fernandes, José Coelho, Alvaro Rodrigues e *variações* e *solos* por José Nunes e Miguel Ramos. ENTRADA 1.50. *Consumo 1.50. Sábado, feriado nacional, «MATINEE» ás 15 horas.*

GINÁSIO

Telef. 20556

A's 21 e 30

6.ª e definitivamente ultima semana

O lago dos sonhos

REX

Telef. 29656

A's 21 e 15

Um homem às direitas

Roubo misterioso

LYS

Tel. 48560

A's 21 e 15

CASABLANCA

Anjos da terra

TERRASSE

Telef. 20917 — A's 21 e 15

CASABLANCA

Anjos da terra

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30

Caçadores de noticias

com David Parrar

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinarias—Venero—Sifilis

R. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

Telefone 2 9062

CASINO ESTORIL

Tôdas as noites

no Salão Restaurante

2 ORQUESTRAS:

MANOLO BELL

e

TOSELLI

HOJE às 21.30 no GINÁSIO entra em **6.ª**

e, definitivamente, última semana

o 1.º grande êxito da época

O Lago dos Sonhos

com **KRISTINA SÖDERBAUM**

PEÇAM VERMOUTH

POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.ª Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

FILMES ALCANTARA apresenta **HOJE** nos cinemas **ODÉON** e **PALACIO**

A última e mais graciosa das comédias de **DEANNA DURBIN**

com **JOSEPH COTTEN** e **CHARLES WINNINGER**

UMA DAS 3 RAPARIGAS

DEANNA DURBIN só foi verdadeiramente grande na adorável criação de Penelope Craig dos seus filmes «As 3 Raparigas Modernas», «As 3 Raparigas Cresceram» e no presente, que é a continuação daqueles dois êxitos.

Teatros e Cinemas

Reposições

«La gran via» e «La monteria», no Capitólio

Voltámos a ouvir ontem, no palco do Capitólio, a graciosa zarzuela de Ramos Martin, «La monteria», para a qual o maestro Jacinto Guerrero escreveu uma das suas mais lindas partituras, que o nosso publico tem no ouvido, por ter sido representada há anos, em português.

A interpretação que ontem nos deu a companhia Sagi-Vela difere pouco daquela que teve no Trindade, pela companhia de Moreno Torroba. Com excepção do «divo» e de António Martelo, a distribuição é sensivelmente a mesma. Esperanza Arquero e Teresita Silva já tinham desempenhado com o mesmo relêvo os seus papeis, fazendo-se notar a primeira por uma voz agradável, de bom timbre e de excelente escola, e a segunda pela graciosidade e pela frescura da sua interpretação. Escusado será dizer que a canção «Hay que vêr» foi bisada, e muito bem, pois é nela que Teresita Silva é mais graciosa, desenvolta e expressiva do que em nenhuma outra.

Luiz Sagi-Vela cantou a sua parte primorosamente, como era de esperar, e António Martelo foi um «Pipon» que não ficou nada a dever áquele que Manolito Hernandez fez entre nós. E êsse já era notável. Vimos pela primeira vez Sara Mayer, numa discreta e fugidia aparição. Francisco Ruiz emprestou ao «Duque» a dignidade requerida.

Acêrca da Gran Via», preferimos não dizer nada, pois teria sido melhor, por tôdas as razões, não a arrancar á poeira dos arquivos—onde dorme um sono glorioso.—N. L.

Atrás do reposteiro

A peça «O Pão de Ló», que fez parte do antigo repertorio Satanela-Amarante, volta de novo á cena no Avenida, com uma montagem moderna e modificada pelos seus adaptadores, Felix Bermudes e João Bastos. O papel criado por Satanela vai agora ser interpretado por Irene Isidro.

—Não é do maestro Vasco Macedo, mas sim original do tenor Alberto Ribeiro, a musica do numero «O candeeiro ali da esquina», cantado por aquele artista todas as noites no Apolo, na revista «Bolacha americana».

—Estão já a ser executados nos «ateliers» Paiva os grupos de fantasia da revista «A travessa da Espera», em ensaios no Maria Vitória, peça em que reaparecem os bailarinos Francis e Ruth Walden, antes da sua partida para o estrangeiro.

—E' com a peça «Se amas, obedece», tradução de Manuel Fragoso, que se estreia a companhia Brunilde Judice-Alves da Costa no Funchal.

—A companhia espanhola de zarzuela Sagi-Vela canta hoje no Capitolio a zarzuela em 3 actos «Manbru se va a la guerra».

Artistas de variedades

A Agencia Internacional Artistica contratou para o Meia Noite o Quarteto Camaguey.

—Os excentricos Witali-Oriwe foram contratados pelo empresario Piero e estreiam-se brevemente num dos seus teatros.

—O violinista José Puertas passou a fazer parte, como atracção, do desempenho da revista «Bolacha americana», no Apolo.

Primeiras exibições

«A canção triunfal», no São Luiz

O filme de ontem é uma das imagens mais felizes da América. Um dos seus melhores retratos, um retrato em grande que, apesar das dimensões do «écran», atinge proporções monumentais. Como se consubstanciou na vida de uma figura real, a do célebre artista e autor George Cohan, as virtudes de alegria, de vibração, de orgulho, de patriotismo e de expressão popular, que caracterizam os Estados Unidos. Abençoado seja o povo que sabe cantar, como aquêle, e que tanto se senta, representado por um qualquer, na Casa Branca, em frente do presidente, como marcha de arma ao ombro, galhardamente, para salvar a Europa da tirania totalitária.

Michael Curtiz, o realizador, não será, de certa maneira, um outro Cohan, que olha para o povo, antes de arquitectar as suas produções? Veja-se esta, directa, subtil, delicadamente emotiva, a meia tinta dos grandes sentimentos e a naturalidade das atitudes sinceras! O filme é, como já dissemos, a existência de um homem, mas é, sobretudo, a história da famosa canção «Over There», que os soldados *yankee* trouxeram, na outra guerra, para o velho continente. Cohan é um *self-man*, endiabrado, vibrante, cuja carreira tem o fulgor e a vertigem de um meteoro. O seu dinamismo contagia tudo, vencendo sempre. Vemos os seus comêços, garoto ainda, depois a luta para conquistar o seu lugar, como autor, por fim, a apoteose na Broadway. Tudo isto envolto em bandeiras da América, em cenários de *feerie*, ou enquadrado em grandes espectáculos, onde, como dizia um grande reporter americano, há três elementos fundamentais: sensacionalismo, patriotismo e sentimentalismo.

James Cagney, um artista que estamos acostumados a vêr interpretar *gangsters* situa-se a extraordinária altura nêste filme. Ele canta, dança, representa, toca a nota dramática, ou poética, sendo sempre, estruturalmente, 100 % americano. Hello, Cagney!—*Visor 42.*

Não há maior alegria,
Melhor dádiva ou trofeu
Do que a Nova Companhia
De circo, no Coliseu!

Faz—Tudos desconjuntados,
Palhaços endiabrados
Com intermédios de truz;
Cavalos, malabarismo,
Trapezistas e ciclismo,
Numa «féerie» de luz!

Um ventriloquo e peras
Imitando a voz das feras,
Dos papagaios, do trovão;
E até um «rancho» de estalo
Com um estupendo cavalo
Montado por bom calção!

Amanhã há «matinée»:
Lá vái a «sopa», o bébé,
O catolico, o ateu,
O pái, a mãe e a tia
Aplaudir a Companhia
de Circo, no Coliseu!...

JOSÉ DO TELHADO

Uma fita emocionante que, brevemente, se estreia no Pôrto e nos principios de Janeiro, em Lisboa

A fita «José do Telhado», como tôda a gente sabe, por haver já lido a seu respeito várias notícias, é um trabalho de cinematografia portuguesa a que o seu realizador, Armando Miranda, e os seus colaboradores—artistas que a interpretam e técnicos especializados que nela intervieram—procuraram dar (e deram, segundo consta) elevada expressão emocional e artistica. Estão encarregados da sua distribuição os «Exclusivos Triunfo».

Vai o Pôrto, em breves dias, assistir á sua estreia. E vai (antes de Lisboa, onde será exibida, apenas por começos de Janeiro), ver e aplaudir o desenrolar duma pelicula, certamente muito do seu agrado. Reproduzimos dela, hoje, uma das cênas mais impressionantes, remate duma perseguição e duma luta arrebatadora: a morte de «José Pequeno» (Juvenal de Araujo) ás mãos do «José do Telhado» (Virgilio Teixeira). Esta cêna é tida e havida pelos que já viram passagens da fita nos laboratórios, como sendo um dos melhores «momentos» do Cinema Português.

SIF
APRESENTA, AMANHÃ, no
POLITEAMA
um dos mais vibrantes filmes de espionagem
GARRAS AMARELAS
COM
HUMPHREY BOGART
Mary Astor e Sydney Greenstret
Produção WARNER BROS

CRISTAL
HOJE BAR DANCING DA MODA às 23 horas
O melhor programa de atracções que se exibe em Lisboa, com:
ROSITA MONTAÑA LOS GITANILLOS
VICENTITA FRUTOS - LILI FRANCE - VERA FREY - MANOLITA CONDE - MARI SOL
com as Orquestras portuguesas SOUSA PINTO e CRISTAL
Em breve: Estreia da bailarina ENCARNITA MACARENA

Lanches
Pôrtos de Honra
Salão de Chá
Banquetes
CAFÉ SALÃO BRASILEIRA MINERVA
18-A José Falcão, 11-C
Av. Almirante Reis, 142-1
Telef. P. B. X. 5 2249

BORDADOS e ALTA COSTURA
INVERNO 1945 e 1946
RUA DOS SAPATEIROS, 189, 3.º-D.
LISBOA — Telef. 23754

ECOS

Escreve-nos, apoquentada, Maria Alfenina:

—«Torna a falar-se de nudismo... Com a minha sensibilidade e a educação que me deram não aceito facilmente «a nova moda» que me parece antes uma ausencia de moda». Porque é que a humanidade, depois de se haver vestido por tantos seculos, deseja agora despir-se? Hum! hum...».

Ouça Maria Alfenina: a pouca vergonha não é tão grande como se julga. Não se trata, por emquanto, de praticar o nudismo em plena rua e de andar por toda a parte com a tanga gentilica. Os nudistas crêem que iniciam uma revolução moral, acabando com o pudor. Cada qual se enfeita com as penas de pavão! Afirmam tambem que o nosso corpo e a nossa pele carecem de sol, de muita luz e de muito ar fresco. Recomendam os exercicios fisicos e os movimentos ritmicos. Mas tudo isto com discreção, em recinto fechado, a coberto dos olhares profanos.

A pouco e pouco, porém, hão de alargar o seu plano de conquistas e então é que o «arraial» ha de ser bonito. Plasticamente, heroicamente, na expansão vistosa das suas «academias», como dizem os espanhois, os nudistas contam acabar com as zonas interditas do corpo humano. Morre o misterio. Cada qual como Deus o fez. Acaba a industria dos botões. Os alfaiates põem escritos nas lojas ou então começam a fabricar tunicas impalpaveis como a do celebre rei que se apresentou despido ao seu povo e que uma criança denunciou, exclamando:

—«O' papá, o rei vai nu!».

Extinto o pudor e desfeito o misterio dos sexos, que se passará?

Cerramos os olhos para não ver, mas receamos que seja necessario, em nome da salvação publica, publicar um decreto com um unico artigo:

—«Todo aquele, homem ou mulher, que aparecer, na rua ou no palco, inteiramente nu, será castigado «in loco» com cinquenta varadas. Fica revogado o descaramento, em contrario».

■

Pedem-nos a publicação da seguinte carta que versa materia justa e urgente:

«Sr. director:—Eu sei quanto é precioso o espaço dum jornal como o do «Diario de Lisboa» mas tambem sei, por experiencia própria, que V. não deixa de atender pedidos justos. E o caso é:

Há aqui, quasi na Baixa, uma rua onde se construiram cinco prédios novos, e não estes todos habitados por familias da maior respeitabilidade. Esta rua chama-se... Calçada do Desterro (ao Intendente). Desejava eu que V. fizesse um apelo á Ex.ma Camara Municipal, a-fim de «a mandar iluminar convenientemente». Depois das 10 horas da noite, ninguem póde dirigir-se a suas casas, e muito menos uma senhora ou uma menina. São as maiores indecencias, os palavrões mais horriveis, que naquela escuridão temos de suportar.

Ao comando da Policia civica, tambem peço que mande um guarda ao menos de noite vigiar e afugentar homens e mulheres, que se servem da rua ás escuras para... a tornar inabitavel e indesejavel.

Seria V. duma grande amabilidade para todos nós, que somos 30 familias aqui residindo.—De V. etc.—**Alvaro Coutinho».**

Não é dificil averiguar com quanta razão se queixa o sr. Alvaro Coutinho. Ponha-se termo ao indecoroso espectaculo a que se refere, protestando.

Se os bons costumes merecem ser respeitados—o que temos por incontestavel—atenda-se o signatario da carta supra que defende precisamente o direito que lhe assiste de, quando entrar ou sair de casa, não ter, quasi á sua porta, as indecencias duma viela.

NATAL — 6.000 CONTOS

à venda na casa

Campião & C.ª

Rua do Amparo, 116 — LISBOA

O JULGAMENTO DE NUREMBERG

Hess foi considerado capaz pelos peritos de doenças mentais que o examinaram

(Continuação da 1.ª pag.)

socialistas alemães e austriacos». Alderman apresentará um depoimento recolhido na Cidade do México, êste ano, de Georges Messersmith, que foi consul geral americano em Berlim, de 1930 a 1934, e que esteve em Viena de 1934 a 1937. O advogado de Franz von Papen, antigo embaixador alemão na Turquia, requereu que Messersmith apareça a depôr pessoalmente ou que o tribunal estabeleça uma norma geral quanto aos depoimentos de testemunhas ainda vivas.

O depoimento de Messersmith diz que, desde o inicio, o govêrno alemão considerava a encorporação da Austria como uma necessidade politica e económica e que a unica duvida era «a forma de o conseguir». Os alemães eram «extraordinàriamente francos» quanto aos seus objectivos. Declararam a Messersmith que realizariam a anexação «por quaisquer meios que fôssem necessários» e acrescenta: «Eu posso assegurar que todos na Alemanha, tendo algum conhecimento do que se ia passar, sabiam que Hitler e o govêrno nazi estavam irrevogàvelmente decididos a anexar a Austria».

Messersmith disse que, quando se encontrava em Viena, o chanceler Dolfuss—mais tarde assassinado pelos nazis—, Schuschnigg e o presidente Miklas lhe declararam que os nazis exerciam uma pressão continua para conquistar lugares no govêrno depois do que tentariam aniquilar tôda a oposição no interior do país. Os nazis serviam-se para essa pressão de meios económicos, de propaganda e de actos de terrorismo a-fim de compelir o govêrno austriaco a aceitar as suas condições. Chefes nazis declararam a Messersmith, em Berlim, que os atentados eram instigados e dirigidos por êles.

A traição de Seiss Inquart

Quando Hitler visitou Mussolini em Veneza, nos meados de junho de 1934, os atentados cessaram momentaneamente, devido ao facto de Mussolini apoiar o govêrno austriaco e Hitler não desejar romper abertamente nessa ocasião com Mussolini. Messersmith contou as intrigas do acusado Seyss Inquart, que foi chanceler da Austria nos três dias que precederam a anexação e, mais tarde, foi nomeado governador da Holanda ocupada.

Seyss Inquart iludiu Schuschnigg, mostrando-se muito amigo dêle, emquanto fazia visitas secretas a Hitler. Messersmith continuou: «Em 1938, sabendo que a Grã-Bretanha e a França não interviriam e que a Itália não poderia tomar qualquer atitude, Hitler vibrou o golpe final na independência da Austria, levando a termo o que deve ser considerado como uma das campanhas mais insidiosas e cobardes ,sem qualquer justificação, para pôr termo á Austria como Estado soberano».

O advogado de von Papen declarou ter profundas duvidas sobre o depoimento de «uma pessoa velha e incapacitada». O presidente, Lord Lawrence, depois de conferenciar com os outros juizes, durante cinco minutos, anunciou que o tribunal resolvera que podiam ser apresentados depoimentos por escrito e que, «no caso em questão, era a forma apropriada. Se a defesa desejava fazer preguntas á testemunha em data posterior, ser-lhe-á isso facultado. Se o Tribunal reconhecer que a presença de qualquer testemunha é de extrema importancia ela será convocada».

A reacção de Doenitz e a responsabilidade de Hess

Quando Alderman leu o nome do almirante Karl Doenitz, antigo comandante-chefe das fôrças navais alemãs e que sucedeu a Hitler durante poucos dias, Doenitz reagiu visivelmente, pela primeira vez durante o julgamento. Sacudiu a cabeça vivamente e tocou o ombro de Goering. Este chamou a atenção do advogado de Doenitz e voltou-se para o antigo comandante das fôrças navais.

Foi hoje anunciado que Rudolrf Hess é considerado no gozo perfeito das suas faculdades mentais. A junta médica que o examinou chegou a essa conclusão, embora admitindo que ele é técnicamente um «psicopata», com certas ideias de paranoico. A junta acrescentou que devia, em parte, ao fracasso da sua missão á Grã-Bretanha as suas anormalidades, que se tornaram mais nitidas.

Quando Alderman falou dos acontecimentos de Viena, em 25 de julho de 1934, quando Dolfuss foi assassinado, Goering manifestou uma forte excitação, exclamando «Não, não, não», tomando rápidamenrte umas notas. Alderman chamou a atenção para o facto de que o libelo inclue a morte de Dolfuss na lista dos «crimes nazis contra a Humanidade» e citou Messersmith como declarando que esse acto foi ordenado e organizado por nazis alemães e austriacos.

Pela primeira vez, Goering lançou olhares furiosos para o Tribunal.—R.

Jornalistas neutrais em Nuremberg

MADRID, 28—Convidado pelas autoridades aliadas, seguiu para Nuremberg o chefe de serviço estrangeiro da Agencia Efe, José Luis Navarro. Para Londres seguiu, como representante da Efe, Rafael De Luis.—(E.).

Porque falta a carne

nos talhos de Lisboa ?

Desde sabado que Lisboa está sem carne nos talhos. No entanto ela não falta nos restaurantes, casas de pasto, pensões e hoteis. Qual é a principal razão da falta? Procurámos hoje resposta para esta pregunta, junto de alguns proprietários de talhos que nos disseram o seguinte:

—As nossas despesas, contribuições, licenças e ordenados para o pessoal são certas, ao passo que não temos mercadoria para vender ao publico. Assim não podemos, decerto, pagar os encargos que oneram o nosso comercio.

O motivo principal da falta de carne é sempre o mesmo, com uma ou outra variante. Emquanto faltou a agua e os pastos eram poucos, os produtores vendiam o gado por preços um pouco mais baixos, por não terem que lhes dar de comer. Por outro lado os compradores, valendo-se da situação dos produtores, tratavam de regatear os preços. O resultado era haver carne em abundancia, sendo o excesso, pago além do preço da tabela rateada pelos proprietarios dos 400 talhos que há na capital. Assim se conseguia que a carne não faltasse.

—E agora? preguntamos.

—O produtor, como já tem agua e postos abundantes, defende-se melhor, exigindo preços mais elevados do que até agora. Os compradores, por sua vez, mostram-se desinteressados, não pagando nada mais, além do que se encontra fixado na tabela. E' essa a razão principal, que explica a actual falta de carne. Os dirigentes do Gremio dos Proprietarios de Talhos e da Junta dos Produtos Pecuários trocaram impressões sobre o assunto e os comerciantes têm apresentado varios alvitres e sugestões.

A unica forma de termos carne, concluiram as pessoas a quem ouvimos, consiste na subida de preço, nas mesmas condições daquela que há tempo se registou. Ao sr. ministro da Economia compete a solução do caso, decidindo-se sobre os alvitres e sugestões apresentadas.

O PORTO pelo telefone

Orfeon Donostiarra

PORTO, 28.—Depois do notável exito ontem obtido no teatro Rivoli pelo Orfeon Donostiarra, sob a égide do Circulo de Cultura Musical, aquele agrupamento artístico, acompanhado dos seus dirigentes, foi hoje recebido na Camara Municipal pelo seu presidente, prof. dr. Luiz de Pina, que, depois de proferir breves palavras, colocou no estandarte do Orfeon fitas com as cores da cidade. A seguir, a convite da vereação portuense, realizou-se um almôço no Hotel do Império. A' noite realizar-se-á o segundo concerto.

Eça de Queiroz e o jornalismo

Integrada nas realizações comemorativas do centenario Eça de Queiroz, o jornalista Jaime Brasil realiza amanhã, no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência sôbre «Eça de Queiros e o jornalismo».

O sr. Vicente Antonio Martins a boa, a bord

Chegaram

dois funcio

que ali passaram p

da oc

A bordo do «Lourenço Marques», che esta manhã a Lisboa, vindos de Moçam dois funcionários superiores da adminis de Timor, que ali passaram grande par meses amargos que a população viveu ocupação japonesa, até conseguirem fugi a Australia, a bordo de um contratorp holandês.

São eles o sr. Vicente Antonio Martin rector da Fazenda, que viajava sózinho sr. eng. Azevedo Noura, director das Publicas, acompanhado por sua esposa com ele compartilhou nobremente tod agruras da invasão e do exodo.

Logo que o paquete atracou, os jorn entraram a bordo e rodearam o sr. V Antonio Martins, em cujo rosto macer envelhecido parecem descortinar-se aind vinculos de um prolongado sofrimento e fisico. Estava comovido ao voltar a cidade de Lisboa que ele, em dados mom chegou a desesperar de tornar a ter diant seus olhos rasos de lágrimas.

Acolheu amavelmente os jornalistas e ç ou por lhes dizer:

—Encontrava-me em Dili quando che os australianos e não posso nem quero de dizer que foram correctissimos para a população. Não houve incidentes, nem lencias, nem crimes.

—Mas depois...—atalhámos.

O velho funcionário, olhando por cim multidão que ia invadindo os *decks*, f um sinal com a mão e diz nervosament

—Um momento meus senhores. Vêm meus três filhos. Voltou a vê-los...

Os jornalistas afastam-se. Uma rapar dois rapazes abraçam o pai, entre lág numa cena comovente. Mas o sr. Vicente tins recobra a sua serenidade caracteris prossegue nestes termos:

—Sim, depois vieram os japoneses e p piou o nosso drama, para o qual não h lavras. No dia da invasão niponica, nã encontrava em Dili. Estava no interior, e teu. Oito dias depois, com outros compan segui para a montanha, para Baucau e ali manecemos algum tempo.

—Os massacres—interrompeu um jornal causaram em Lisboa a mais viva repulsa.

—Houve-os efectivamente e foram coisa riveis. Japoneses e indigenas do Timor h dês perpetraram êsses crimes.

Não Vale A PENA

Incomodar-se a ler mais reclames.

Precisa adquirir joias, pratas ou re gios?

Vá á

Grande Ourivesaria da Moda

Onde encontrará tudo que o seu b gosto idealise.

257, Rua da Prata (Esq. de Santa Just

A MUND

Capital e Reservas: 90.597 co

LARGO DO CHIADO, 8

... os três filhos que o aguardavam em Lisboa no «Lourenço Marques»

... hoje a Lisboa

...nários de Timor
...rte do periodo
...upação japónesa

O sr. Vicente Martins vai enumerando:

—Foram vítimas dessa avalanche de sangue o pobre capitão Freire da Costa, sua desventurada esposa, o dr. Dinis Pedroso, o secretário de circunscrição Gouveia Leite, o administrador de Manatuto, Mendes de Almeida, o respectivo secretário e tantos outros.

O nosso amável entrevistado disse-nos que pouco mais sabia. Viveu na montanha, tão isolado quanto possivel. Falou com carinho do auxilio dos nossos indigenas. Um dia tiveram a comunicação de que um navio de guerra holandês iria buscá-los a determinado ponto da costa. Para ali se dirigiram. Chegaram, emfim, á Australia, onde foram muito bem tratados.

O «Mauritania» levou-os, por ultimo, em agosto deste ano, para Lourenço Marques.

Numerosas pessoas estiveram hoje a bordo a pedir áqueles dois funcionários, noticias de parentes e amigos que tinham em Timor.

O «Lourenço Marques» trouxe tropas de Moçambique

No «Lourenço Marques», que veio hoje dos portos de Africa, com 432 passageiros, chegaram tropas que estiveram em missão expedicionária em Moçambique e pertencem, principalmente, a Infantaria 10, de Aveiro.

No mesmo navio regressou a Lisboa a sr.ª D. Maria Teresa Teotónio Pereira, sobrinha dos srs. dr. Pedro Teotónio Pereira, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro.

O «Lourenço Marques» trouxe um carregamento de açucar para a metrópole.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL A'S 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: A corrente de perturbações assinalada no extremo norte do Atlantico (frente ártica) parece que já alcançou a Escandinavia. Continua a verificar-se a estabilidade da depressão centrada a SE dos Açores. Temperaturas: Londres, 3º; Paris, 2º; Lisboa (Monsanto), 13º.

FENOMENOS OBSERVADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS: Bom tempo nas Ilhas Britanicas e em França. Chuva e aguaceiros nos Açores. Madeira e SW da peninsula.

EVOLUÇÃO PREVISTA: A depressão a SE dos Açores vai encher-se quási no mesmo sitio. Por consequência:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL: Vento dos quadrantes de S, fresco e por vezes muito fresco com rajada. Chuva com carácter de aguaceiros, principalmente nas zonas Centro e Sul. Trovoadas em alguns pontos. Temperatura sem modificação apreciável.

(Informação do Serviço Meteorológico do Exército).

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo os registos do Observatorio Infante D. Luiz: *maxima, 17º; minima, 13º,4.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 17º,6; minima, 6º,9.*

...IAL = Seguros
...os Sinistros pagos: 156.468 contos
LISBOA TELEF.: 2 0354

FOI CONSTRUIDA EM ALENQUER
uma nova estação de tratamento para salubridade das águas
que vêm para Lisboa

O bom do alfacinha é sofredor e paciente, embora proteste e barafuste a todo o momento.

Queixa-se—e com razão—dos transportes, das demoras no transito, da falta de combustiveis, e também, por vezes, do mau gôsto da água. Mas tudo suporta, exemplarmente, fazendo até «blague», quando calha, dêssas próprias deficiências e das necessidades que nem sempre consegue ver satisfeitas.

Para obtermos alguns pormenores sob o problema da salubridade das aguas e do seu mau gosto, procurámos o ilustre director das aguas, sr. Queiroz Pereira que, apesar de preferir o silêncio do seu gabinete de trabalho, não se recusou, a dar-nos algumas explicações.

—As águas da Companhia estão completamente ao abrigo de suspeita?—preguntámos-lhe.

—Pelo menos, temos empregado todos os esforços para que assim seja. A desinfecção, que há algum tempo lhes temos aplicado, parece que as liberta do perigo que ofereciam até certa altura.

—Mas é tão desagradável o seu sabor, mesmo até quando se aplica a cozinhado ou a um simples chá...—observámos.

E colhemos então a seguinte informação que com prazer transmitimos aos leitores:

—Construiu-se, recentemente, isto com a preciosa colaboração do dr. Bernardino Pinho uma nova estação de tratamento das águas, em Alenquer, que visa a melhorar as condições do abastecimento da água á capital. Ela poderá agora vir tratada num percurso de 40 quilómetros, desde aquela vila até Lisboa. Evidentemente que não se pode negar o valor do melhoramento, se olharmos ao pequeno numero de povoações que, entre nós, contam com água nessas condições.

—Mas quanto ao abastecimento de Lisboa?

—E' também beneficiado com essa nova instalação de tratamento de água, porque a técnica empregada agora, para tal fim, eliminará as principais causas do seu mau gôsto. Na depuração da água optou-se pelo uso do cloro, associado aos sais amoniacais, digamos: pelo emprêgo das cloraminas, sistema que é mundialmente seguido. As soluções de cloro e amoníaco, preparadas na própria instalação de tratamento, são lançadas á água nas condições excelentes da reacção química que preside a formação do produto esterilizante—a cloramina.

—A que distancia do local do tratamento pode, sem receio, beber-se a água?

—A um quilómetro. Este beneficio, introduzido pela Companhia, não é vaidade dizê-lo, marca uma vez mais o esfôrço que ela, na realidade, tem sempre empregado para bem servir. Não posso eximir-me, já que estamos conversando para publico, a lembrar que, embora se deva muito ao espírito de iniciativa de Duarte Pacheco, que, no abastecimento das águas á cidade de Lisboa, resolveu o problema totalmente, também é justo que apontemos a tarefa árdua que, desde que foi fundada, em 1867, por Carlos Zeferino Pinto Coelho, a Companhia tomou sobre si. Quantas relutancias, logo no começo, ela teve a vencer por parte daqueles que continuavam agregados á rotina dos aguadeiros! E obra de engenharia realizada por Sousa Gomes e Paiva Couceiro? Não pode igualmente ser esquecida! De um golpe, a nossa capital, que em plena estiagem não contava com mais de 3 mil metros cubicos diários de água, passara a ter cêrca de quarenta mil. Depois, o ilustre engenheiro Ressano Garcia que sucedeu a Pinto Coelho, não deixou de encarar o futuro e tratou de fazer estudos para novas captações. Daí surge projecto de 1908, que consistia na captação das águas de superficie do rio Tejo, a montante de Santarém. O contrato de 1932 aproveitou-o para solucionar o então já precário abastecimento da capital. Depois, Carlos Pereira, meu pai, procurou, com a honestidade que lhe era peculiar, num esfôrço continuo, esclarecer os govêrnos e o publico acêrca da necessidade urgente de se adoptar qualquer medida que solucionasse um problema que se apresentava dia a dia mais complexo.

—E compreendeu o publico, em parte, o seu esfôrço?

—Nunca o avaliou. E, no entanto, que prodígios ele operava, para que os efeitos de falta de água se fizessem sentir o menos possivel! E calcule que chegou a ser acusado de desviar a água do Alviela para o Tejo!...

—E acabou por colher alguns resultados?

—Nunca viu os seus esforços coroados de exito! Não por má vontade dos governantes, mas porque as condições políticas da época adiavam muitas soluções. Olhe, um ministro houve, o dr. Nuno Simões, que fez algo para conseguir mais água para Lisboa, criando a receita necessária para que se pudesse efectuar a duplicação dos sifões do canal do Alviela. Não era muito; mas representavam alguma coisa, atendendo ás condições politicas de então. E, posteriormente, Carlos Pereira empregou todos os esforços para que Lisboa pudesse ter água em abundancia.

E numa conclusão:

—Carlos Zeferino Pinto Coelho, meu pai e Duarte Pacheco foram três nomes, a quem todos nós, lisboetas, muito ficámos a dever. E, deixe-me que lhe diga, muita calunia se tem levantado á Companhia! Nunca ela fez gorar, como se tem dito, por vezes, negociações que tivessem em vista as melhorias desejadas, porque nem mesmo quaisquer lhe foram propostas! Mas muito mais se tem de fazer! E a Companhia, nesse sentido vai orientando os seus trabalhos, sob a direcção dos ilustres ministro das Obras Publicas e seu subsecretário, e a colaboração dedicada da Comissão de Fiscalização presidida pelo eng.º Carlos Alves.

O parque Eduardo VII
e a necessidade de arejar as crianças

«*Sr. director*—Leio sempre, com muito interêsse, todos os artigos que se ocupam do problema da urbanização do país.

Assim, ao ler o «Diário de Lisboa» do dia 24, caíram-me logo os olhos na entrevista dada pelo distinto arquiteto Cristino da Silva acêrca de *o «arranjo» do Parque Eduardo VII.*

E fiquei apavorada, pois que se preconiza o desaparecimento do parque. Quere-se-nos tirar—a nós, pobres mamãs lisboetas—o unico local amplo, arejado e, principalmente, elevado acima do casario lisboeta (ainda que muito *aleijadinho...*), que permite dar melhor ar aos nossos filhos, intoxicados como tôdas as crianças das grandes cidades!

Se o arquiteto sr. Cristino da Silva, que eu tenho o prazer de conhecer pessoalmente, tivesse um pouco pensado nas crianças, privadas de ar puro dos campos, que tanto ajuda o seu desenvolvimento físico e lhes dá alicerces para a vida, talvez hesitasse no seu projecto.

Os pequeninos lisboetas, se se lhes tirar o parque, para refrescarem os pulmões, têm de sair da cidade, de automóvel ou empilhados em comboios.

Não discuto projectos: mas, muito modestamente, quero apenas lembrar que em todos os grandes centros urbanos existe um parque (um *parque*, não um *grande jardim*), e nós, como parque, só temos o de Monsanto, situado do outro lado da terra, a não ser que se organizem carreiras de autocarros a prêços acessiveis, para transporte de pessoas, carros e cadeirinhas de bébés.

Então, sim; nada haveria a dizer. Mas, caso contrário, peço licença para clamar, como mãe ciosa da saude de seus filhos, que é das mais importantes questões cuidar de preparar crianças robustas e sádias. Está nelas o futuro da raça—e a nossa vem definhando.

Para terminar, ouso fazer um pedido ao sr. Cristino da Silva:

—Não poderia Sua Excelência, com a merecida influência que tem, fazer com que seja to á entrada do Parque Eduardo VII?! removido o lixo que se amontoa de há mui-

De V. etc.—*Mamã Lisboeta*».

O Frio ENTRA PELAS Frinchas
CALAFETAGEM R. da Conceição, 11 Telef. 2 6110

Um violento sismo
fez-se sentir no Extremo Oriente

Um telegrama de Sidney diz que o maior tremor de terra até hoje conhecido foi registado no Observatorio de Riverview, ás 8 horas e 11 minutos (hora local) de hoje. E' considerado ainda mais violento do que o de 1909. Pelo registo, o epicentro deve estar situado a 10.500 quilómetros ao oeste de Sidney.

A Reuter assinala tambem ter sido registado o abalo, de grande violencia, no observatorio de Coloba em Bombaim que calcula o seu epicentro 400 quilómetros ao norte daquela cidade. Outros calculos situam no mar o epicentro.

O sismo foi tambem registado em Karachi, onde os moveis das casas foram violentamente sacudidos.

O conhecido sismologista britanico J. J. Shaw, de Bromwich, diz que o centro do fenomeno se deve ter situado a 4 mil milhas, no norte da India ou na China ocidental. Acrescentou que três horas e meia depois do começo do sismo, a terra ainda vibrava.

O sismo foi também registado em Lisboa, a partir das 22 horas, 7 minutos e 14 segundos de T. M. G. e foi intenso e de grande duração. O epicentro foi localizado a cêrca de 7.780 quilómetros a NE de Lisboa. A profundidade do foco sismico parece ser de 140 quilómetros, apróximadamente.

Um morto
que ficou sete horas à espera que o levassem para o Necrotério

«*Sr. director*—Na rua onde moro, apareceu ontem um homem morto. Na rua—não é bem: dentro da escada do prédio onde morava. Eram seis e pouco da manhã, padeiro, leiteiro ou não sei bem quê—nem isso interessa—ía para entrar na escada e deparou com o triste espectáculo, de que foi logo avisar as autoridades. Estas, com efeito, não tardaram a dar conta da sua existência, destacando um policia para o local, a tomar conta do morto, não fosse êle aborrecer-se do tempo que o iam deixar ali e arrepender-se da «grande viagem», decidindo voltar á vida de que se fartara...

Efectivamente, o guarda da P. S. P. ali esteve. E não é apenas para fazer gracejo fácil que a sua presença se deve considerar. Mas os inquilinos do prédio é que não se deram por satisfeitos, mesmo com sentinela á vista. Impressionados pelo triste espectáculo—não podiam descer a escada sem dar de cara com o funebre despojo cuja silhueta se recortava no negrume do sitio—deixaram-se ficar em casa, bloqueados pela presença trágica, sem animo para sair á rua, nem ás compras, nem ás obrigações, nem aos empregos, nem ás escolas.

Pois, senhor director, assim se ficou durante horas: deram sete, oito, dez, meio dia! Ao meio dia, compareceu o sr. subdelegado de saude, que assinou um papelinho, parece que uma guia ordenando a remoção do corpo e a sua admissão no Necrotério. Esta segunda fase do programa estava cumprida.

Faltava a terceira parte, isto é, a remoção do cadáver. A tarefa incumbe, ao que parece, á policia cívica, mas a esquadra da zona onde isto se passou não dispõe de maca, ao que me disseram, pelo que foi preciso esperar que viesse uma da esquadra da Mouraria. Quando chegou o referido utensilio—uma espécie de padiola com rodas e coberta de lona, lá levaram o corpo para a «morgue». Eram duas horas da tarde!

Perto de oito horas esteve, como vê, sr. director, o funebre despojo ali em exposição. Sem falar já do que isto representa de pouco próprio do respeito que uns aos outros nos devemos, há um caso que me parece mais sério e para o qual peço a V. que queira ter a bondade de chamar a atenção das autoridades: quem é que garante que o homem estava morto quando o policia se lhe postou ali de sentinela? Parece que o primeiro cuidado seria o de vêr se era ou não possivel ministrar ainda alguns socorros ao pobre homem. Mas não: delibera-se que o *morto* está morto e fica-se apenas á espera que se possa levá-lo para o depósitos das autópsias. E' de presumir, efectivamente, que, sete horas depois de ter sido encontrado o corpo, o ultimo sopro de vida se lhe tivesse evaporado: não lhe faltou tempo para isso...

Presumo que se cumpriram todos os regulamentos, pois não é de admitir que as autoridades de tais assuntos andem fóra de horas, mas é fóra de duvida que há nêste sistema qualquer coisa que não funciona bem e que me parece digno de ser presente, pelo «Diário de Lisboa», á consideração de quem de direito, a ver se é possivel dar-se remédio—não ao morto, coitado—mas ao caso em si, talvez mesmo a outros *mortos* que venham a aparecer.

De V. com a esperança que sejam ouvidas estas palavras, que não são de má crítica mas de boa intenção—*Zacarias da Silva Junior*».

Uma parada em São Paulo

SÃO PAULO, 28—O 10.º aniversário da falhada revolta comunista foi observado na segunda cidade do Brasil e grande centro industrial com uma grande parada militar, que incluiu fortes contingentes de tropas mecanizadas e cavalaria.

A partir do meio dia foi feriado e grandes multidões acorreram ao centro da cidade para verem a parada. — (Reuter).

Jóias, pratas antigas e modernas
Compram-se por altos preços na
«OURIVESARIA PORTUGAL»
Rossio, 121 (esquina Rua Betesga)

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527

Pó de arroz
Rouge
Creme
Baton
(não gorduroso)
Floral
são produtos de alta classe

PORTO KOPKE
HÁ MAIS DE 300 ANOS

Agentes-Depositários
OLIVEIRA & TORROAIS, L.da
RUA S. MAMEDE, 85-87
(ao Caldas)
Telefone 21254

Sub-Agentes: **FABRICA DE LICORES IDEAL**—Pátio do Tejolo, 11—Telef. 2 8885

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS
Preferir a «SRAF» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. **Facilidades de pagamento** para quem as deseje aproveitar
Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

CRINA VEGETAL—VENDE-SE

Qualquer quantidade para entrega imediata, qualidade garantida.
Para mais informes. Arco Escuro, 7., 1.º (á Rua dos Bacalhoeiros). Telefone 25476.

Caminhos de Ferro do Vale do Vouga
AVISO

Pelo presente se faz publico que até ao dia 20 de Dezembro do corrente ano, esta Companhia receberá propostas, em carta fechada, dirigida ao Engenheiro Director da Exploração, para a venda desde 1 de Janeiro até 31 de Dezembro de 1946, de água, frutas, doces, tabacos, café, e refrescos, nas estações e apeadeiros destas linhas, excepto SERNADA.

São prevenidos os proponentes de que:

1.º—No invólucro das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte: «*Propostas para venda de água e frutas*».

2.º—As propostas deverão estipular claramente o preço fixo para a venda até 31 de Dezembro de 1946, considerando-se nulas e de feito algum as que se apresentarem fora destas condições.

3.º—Para as estações abaixo indicadas, a oferta pelo periodo de um ano não pode ser inferior a:

Espinho Praia	1.500$00
Vila da Feira	800$00
Oliveira de Azemeis	500$00
Paradela	500$00
Ribeiradio	200$00
Oliveira de Frades	200$00
S. Pedro do Sul	200$00
Agueda	200$00
Para as restantes	100$00

4.º—A adjudicação ser áfeita a quem maiores garantias ofereça á Companhia, independentemente do preço oferecido, reservando-se igualmente o direito de proceder á licitação verbal entre todos ou apenas os concorrentes que entenda, no caso de não lhe satisfazerem as propostas recebidas.

Igualmente e até á mesma data se recebem propostas para o aproveitamento das águas das fossas em todas as estações, durante o ano de 1946.

Espinho, 21 de Novembro de 1945.

O engenheiro director da exploração, *Ferreira de Almeida.*

DINHEIRO
EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

EIS O POPULAR "PHILETTA"

PHILIPS, satisfazendo o manifesto desejo do público, incluiu no seu programa **1946 "NOVA SÉRIE HOLANDESA"** um aparelho de preço acessível a todas as classes sociais: o **"PHILETTA"**

"PHILETTA", é um receptor que convém em todos os lares. Reduzido consumo de corrente eléctrica. Gamas de onda: curta, média e longa. Potente volume de som. Alta sensibilidade. Trabalha sem antena.

PHILIPS
„Philetta"
O novo receptor popular

À venda nos estábelecimentos dos revendedores autorizados da

PHILIPS PORTUGUESA (S. A. R. L.)

e em exposição:

LISBOA — Av. da Liberdade, 3
PORTO — Av. dos Aliados, 151
COIMBRA — R. Simões de Castro, 152

LEIRIA

«AVIZ-Café Restaurante»
Almoços, jantares e serviço à lista
Marcam-se quartos. Telefone 203

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-1.º — Tel. 2 9607

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*

Preço desde 6$00

Bem estar para ambos

A grande satisfação que se sente ao aplicar Creme Nivea, é extensivo aos dois sexos. No mulher a pele torna-se suave e o seu aspecto melhora adquirindo mais atractivo. Ao homem proporciona-lhe o barbear-se com o menor incomodo

Depositos: Pestana, Branco & Fernandes, Ltda
R. Rua Garrett, Lisboa

Arrematação
Palàcio

No dia 30 do corrente, por 14 h., na 1.ª secção do 6.º Tribunal (Boa Hora), será vendido pelo maior preço oferecido o Palácio denominado «Quinta do Calado», sito no Caminho de Baixo da Penha, 60 a 64, tornejando para a rua Morais Soares, composto de andar nobre com pavimento terreo, 1.º andar e águas-furtadas, todo forrado de azulejo e com as divisões decoradas, tendo anexo capela, garage, grande jardim murado e outras dependências. Esclarecimentos na R. da Conceição, 145, 1.º, E.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
TELEFONE 2 6519

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerc., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouv.—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.as operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Rais X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinicas

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

lósofo, pensava assim—o que não pensarão os micróbios.

E o meu colega, feita esta profissão de fé agnostica, declarou-me que frequentava a «Brasileira», do Chiado, com delicia. A unica maneira de deglutir as grandes especulações filosoficas, literárias e politicas, era acompanhando-as do cafézinho bem quente e com muito açucar. Ali havia as unicas verdades acessiveis. Tal mesa, assemelhava-se ao Pórtico, outra ao Jardim d'Epicuro e havia uma ou outra que lhe parecia a Academia—imagens vivas da Grécia filosófica.

A diferença consistia apenas em que os mestres e os discipulos que as rodeiam não deambulam, estão sentados. Aristoteles fala—e êles ouvem. Não são inteiramente peripatéticos. *Mas pouco lhes falta.*

—Ao mesmo tempo que a «Brasileira», adoro os tribunais—continuou o meu colega. Nos dois lugares eu encontro «o humano», o «demasiado humano» — menschliches, allzu menschliches...

Eu não percebi e preguntei-lhe o que significavam aquelas rudes palavras guturais.

—E' o titulo dum livro do Frederico, em alemão...

—Do Frederico?...—fiz eu.

—Sim, meu caro. O Nietzsche... Bem vê que eu fui «urso» em Coimbra. Trato familiarmente os filósofos, sei-lhes os nomes e conheço-lhes os titulos das obras...

E continuou:

—Pois nos tribunais eu encontro a mesma «humanidade». Dia em que não tenha contacto com colegas e magistrados, não é dia para mim. Em ambos os sitios se dá uma parte ao Erro —o que é essencial em tudo que é humano. Na «Brasileira», é certo que se abusa.

Pigarreou e acrescentou, muito grave:

—Nos tribunais nunca dei por isso.

—E—preguntei eu—nunca lhe apeteceu ampliar o campo das suas observações?

—Apetece-me, ás vezes. E então vou aqui perto, a um Casino elegante. Tomo uma bebida e como uns bolos. Não jogo nem danso. Mas encanta-me a atmosfera calma, pacifica, civilizada. Alivia-me dos pesadelos dos «film's» e dos jornais. Gozo ali um aspecto saboroso da civilização policiada, ouvindo «fox's» e «tangos» langorosos. Estranhei no entanto, há dias, ouvir um homem muito simpático que passa a vida a cantar coisas doces ao microfone, emquanto os pares enlaçados se baloiçam, dizer, fulo para um colega: «raio de vida! estou exausto! porque não fui eu para marujo!».

—Bem vê— comentei eu—como o colega muito bem notou no principio da nossa conversa tudo é relativo

—Pois é—assentou êle—Há dias um sujeito muito bem posto beijou a mão á entrada a duas elegantissimas senhoras, com requintes de galanteria. Um outro sujeito que o acompanhava preguntou-lhe: quem são? E o primeiro respondeu:—vida fácil. Eu ouvi e o pior foi que as damas também ouviram. Momentos depois, sentadas numa mesa a meu lado, uma preguntava á outra: «ouviste, aquele malandro?» Ao que a outra retorquiu, trincando um bolo com uns dentes alvissimos e com um suspiro: «se êsse malandro soubesse como a nossa vida é dificil, não falava assim».

Que lhe parece, colega?

Eu respondi:

—E' humano isso. Humano e verdadeiro. Já se deixa vêr, dentro da relatividade, que é a unica verdade absoluta.—R. C.

A'S SENHORAS:

Quereis vestir bem por pouco dinheiro?

Na antiga e acreditada casa de

M.me BETTENCOURT

encontram V. Ex.as a maior, mais linda e recente colecção de vestidos, casacos de peles e de fazenda, raposas, chapeus, etc., em todos os géneros e para todos os preços.

R. Nova da Trindade, 26, 1.º andar

Telef. n.º 2 5316

N. B.—Prestando-se a confusão haver no mesmo prédio mais portas com o n.º 26, não confunda: é no **26, 1.º, porta de escada** com o nome e escudo de **M.me BETTENCOURT.**

Carlos Selvagem conversa

meia hora connosco

sôbre os seus planos literários

Carlos Selvagem conversa meia hora connosco sôbre os seus actuais planos literários Como sempre sucede, quando o escutamos, encontramos nas suas palavras um tom de sinceridade que nos torna fácil a entrevista. As preguntas e as respostas encandeiam-se, naturalmente, e reconhece-se que não é necessária qualquer estratégia especial para se ficar sabendo alguma coisa... O trabalho do jornalista torna-se duplamente agradável, tanto pelo valor da personalidade do entrevistado, como pela suavidade do caminho que aquele tem de trilhar.

—O que pretende saber?—pregunta-nos Carlos Selvagem, com afabilidade.

—Alguma coisa sôbre os seus projectos de actividade literária. Consiou-nos que vai entrar numa nova fase de intensa produção.

O autor de «O problema das élites no mundo moderno» responde-nos com expressão de bom humor:

—Os srs. jornalistas conseguem mais do que saber: conseguem adivinhar!

Sorrimos ante o remoque e observámos:

—Mas não nos enganamos, não é verdade?

—De facto, uma vez mais, vejo que não. E estou á sua disposição para o informar.

—Diga-nos então quais as peças e os livros com que nos quere agora deleitar.

O brilhante dramaturgo, como se estivesse conversando com um amigo, confidencia:

—Sabe, para mim o escrever é um desenfadamento de espirito, uma evasão indispensável. Por êsse motivo tudo quanto tenho produzido tem sido sem qualquer espirito de profissionalismo, sem qualquer desejo de glória literária.

—Mas—interrompemos—não acha que esta sirva de incentivo?

—Sim, a glória é realmente um estimulo. Mas não é com os olhos pos os nela, que me tenho dedicado a escrever. Posso mesmo acrescentar que mediocremente me interessa comunicar com o publico. A maior parte das minhas peças têm-se representado por me terem sido pedidas. Não tenho uma peça na gaveta, nem nas gavetas de qualquer empresário.

—Quais os seus projectos, agora?

—Há já para três anos que eu fazia tenção de voltar a dedicar-me a uma vida literária mais intensa. De resto, a minha imaginação está sempre em actividade, fornecendo sucessivamente temas de peças, de novelas, de ensaios, de conferências. Simplesmente no começo de 1943 a minha vida profissional absorveu-me de tal modo, que não pude sequer pensar em escrever uma linha, embora haja sido solicitado para várias conferências que realizei. Porém, aquelas obras que exigem grande recolhimento têm-se-me tornado impossiveis, tanto mais que só sei trabalhar dentro da noite. Passado agora o periodo mais intenso das minhas ocupações militares, espero realmente poder voltar a entregar-me á produção de várias obras.

—O que tem esboçado?

—Quatro ou cinco peças. Duas delas já estão definitivamente delineadas, intitulando-se uma delas, á falta de melhor titulo, provisóriamente, «Appassionata». As outras, estão já esboçadas, e tôdas me interessam igualmente. Mas a unica obra que verdadeiramente desejaria deixar escrita antes de morrer é uma grande novela que teria por titulo «Ariel».

—De que consta?

—Da paixão esteética dum grande artista por um modêlo. Tenho também já preparado um livro de contos. E mais dois ou três ensaios de História Militar, e outro sôbre politica ultramarina. Como vê, disperso-me.

Levada por curiosidade, tentamos sondar:

—O assunto de «Appassionata»?

—A paixão da Verdade que em certas almas nobres leva a destruir a própria felicidade.

E continuando na nossa insdiscreção, preguntámos:

—Do que consta a outra peça, dessas duas que nos disse já estarem prontas?

—E' uma peça de ambiente histórico: «Magriço ou os Doze de Inglaterra».

—Parece-lhe que o teatro esteja rompendo com todos os seus antigos moldes?

Carlos Selvagem detem-se um segundo a reflectir, e depois responde-nos:

—O teatro está passando por uma grande evolução, desprendendo-se do realismo do ambiente burguês—como na maior parte das peças francesas que durante tanto tempo fizeram escola—e passando para um p'ano diferente, mais tocado de poesia, de maravilhoso, de maneira a arrastar-nos o espirito para um mundo diverso.

—Acha que êsse género de teatro cai no agrado do nosso publico?

—Não, realmente não é aquele que mais o prende. Mas há que afinar-lhe a sensibilidade.

—As suas peças são, no geral, temas arrancados á vida real?

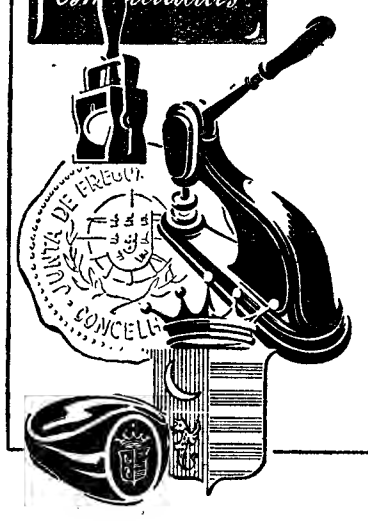
—Não. Excepto duas, e de entre elas «Entre Giestas», que foram inspiradas em casos verificos, que eu depois enriqueci com a imaginação.

E de mais não falámos com o notável dramaturgo, escritor e conferente. Mas parecenos matéria de sobra para deixar o leitor vivamente interessado.

Gente nova, novos métodos

SERVIDOS POR VELHA EXPERIÊNCIA

Chapas esmaltadas



CARIMBOS

CHAPAS ESMALTADAS

TIMBRES

GRAVURAS

ARCO

60 ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO RECOMENDAM-VOS A CASA

FREIRE GRAVADOR

R. DO OURO, 158 A 164 - LISBOA

Crítica literária

(Continuação da 5.ª pag.)

belos e vigorosos quadros, que dizer dele como romance? Talvez não seja de todo impertinente a preguntar, repetida a proposito de tantos livros de hoje, e por vezes com menos razão. Já ninguem pode tirar a Alves Redol a gloria de ter sido, entre nós, apesar de alguns precursores, o iniciador decidido duma tendencia literaria, que a um real talento alia a vontade esforçada dum grande trabalhador.

Terá, no entanto Alves Redol beneficiado do momento em que surgiu, como afirmei acima? Para a revelação fulgurante da sua personalidade contribuiu, sem duvida, o facto de ela ser esperada, e, mais do que isso, necessaria. Mas esse mesmo facto tirou, talvez, ao autor de *Gaibéus* a serenidade do escritor que construi a sua obra com paciencias de arquitecto, a que podem não ser estranhos ardores de visionario, Em literatura, a exaltação do combatente quere-se medida e pensada com vagares de artista, a menos que a força do génio transfigure em chama perdurável o entusiasmo momentaneo. Procurando conciliar os seus impulsos intimos com as solicitções exteriores. Alves Redol, apesar das suas qualidades eminentes, tem experimentado hesitações que se traduzem num permanente desajustamente das suas obras ao genero em que se filiam. Em cada uma delas nos surge um Alves Redol novo, que a pouco e pouco se vai parecendo com o antigo. Não se trata, senão em minimo grau, da diversidade dentro da unidade que caracteriza a obra de alguns escritores. Unidade existe sempre, patente ou oculta, na obra de todo o artista. A desigualdade na obra de Redol apresenta-se em cada livro. Em *Gaibéu*, nas *Marés*, nos *Avieiros*, na *Fanga*, publicada depois, anuncia-se a estrutura de romance em algumas dezenas de páginas iniciais—salvo, em *Gaibéus*, a já apontada innovação da ausencia de personagens centrais—e a pouco e pouco as grandes linhas estruturais vão-se afastando, delindo, deixando intervalos por onde assomam vastos quadros, se assiste ao debate de preocupações por vezes dramaticas, sem duvida presas á intenção inicial, mas já sem expressão romanesca.

Em *Avieiros* isso sucede mais que nas duas obras anteriores. Que este livro se afasta dos moldes tradicionais do romance, não há que duvidar. Mas nisso não faz mais que seguir a tendencia da época, visivel não só em países jovens, como o Brasil e a America do Norte, como na própria França, carregada de tradições. E', porém, *Avieiros* uma daquelas obras ante as quais sentimos quanto são largos os limites dum genero a que corerspondem, na concepção geral, balizas demasiado estreitas? Seria arrojado afirma-lo. Se a técnica adoptada de inicio fosse a dos dois ultimos terços—largos painéis onde pululam multidões alternando com outros em que se recortam, carregadas de sentido, figuras isoladas, ligadas entre si pela mesma ideia condutora, sem outro entrecho que os aspectos simples de vidas simples—*Avieiros* seria, pelo menos, uma tentativa nova de romance-documentario, a que não haveria que pedir mais do que a intenção que o autor lhe imprimisse. Se, ao contrario, o romance fosse o que se anuncia na primeira terça parte—a vida duma rapariga nascida num barco do Tejo, através da qual se sugerisse a odisseia dos humildes pescadores da borda de água, seria, decerto, de técnica menos innovadora, e valeria, literáriamente, o que valesse como realização. Abandonando, porém, o ritmo da narração continua pelos quadros interpolados em que a peripécia, quando surge, vem desligada, marcando apenas pequenos relevos na vida agitada mas monótona dos dois protagonistas, Alves Redol parece ter hesitado ainda. O reparo poderá ser de pouca monta, mas afigura-se-me que tal hesitação nos privou duma obra de arte que aliasse á excelencia dos episodios a excelencia do conjunto. Em *Avieiros* incluem-se algumas das mais notaveis páginas escritas pela moderna geração de escritores. A nova fórmula do romance, que, correspondendo ás preocupações prementes dos homens de hoje erguesse um tipo e afirmasse uma técnica, não foi aqui encontrada.

Escusado será talvez dizer que a obra de Alves Redol está a franca altura para que esta critica possa significar menosprezo por ela. O muito que o autor faz esperar obriga que se lhe indique quais os caminhos que aparentemente o esperam. Haverá erro nessa indicação? Talvez. Mas é um erro de boa fé.

Depois de *Avieiros* o autor publicou *Fanga*, seu ultimo romance, e recentemente uma novela, *Anuncio*. De *Fanga* disse em tempos noutro lugar o que pensava. Para os que me não leram direi que, marcando um avanço quanto á sobriedade do estilo—cuja riqueza, em *Avieiros*, é amiude perturbadora—e á unidade do conflito, me não parece que essa obra tivesse esgotado as possibilidades de Alves Redol como romancista.

De *Anuncio* falarei numa das minhas próximas crónicas.

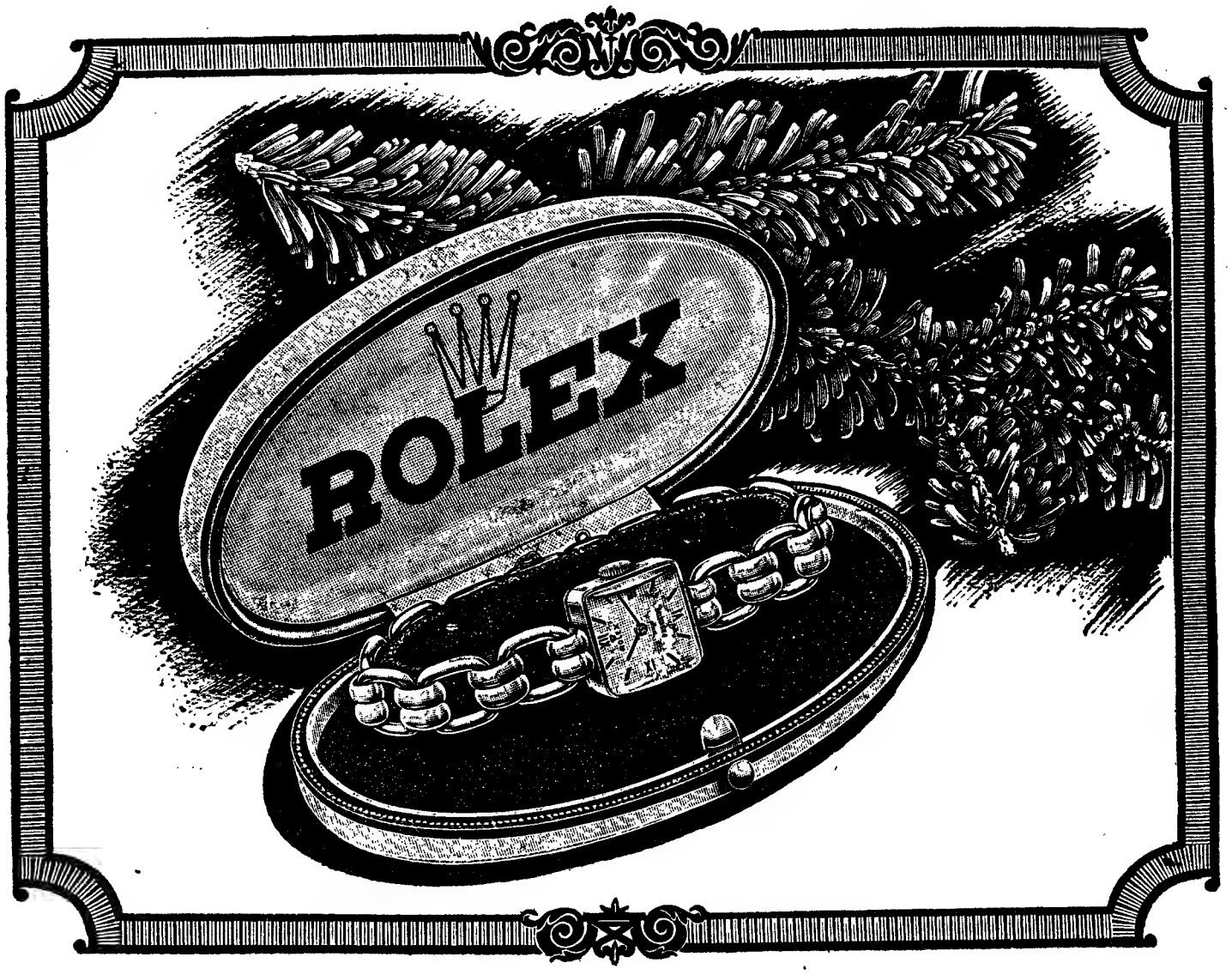
A presente edição dos três primeiros romances de Alves Redol é formosamente apresentada, com capa e alegorias de Manuel Ribeiro que já firmou, neste genero, os seus créditos de artista.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

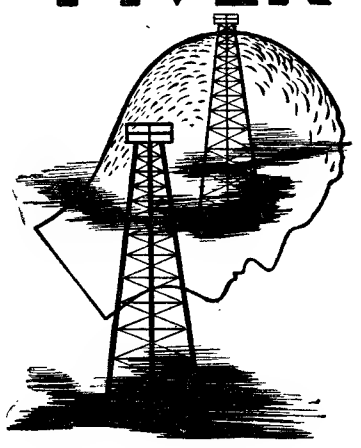
VIDA MUNDANA

MARIA TERESA

Em avião partiu novamente para Madrid e Barcelona a sr.ª D. Maria Teresa, que naquêles centros cosmopolitas vai escolher um novo sortido das ultimas novidades em chapeus que a moda feminina apresenta para a próxima estação.



PETRÓLEO PIVER



Quando os foliculos pilosos não são devidamente irrigados e o bolbo não pode produzir novas raizes, o **Petróleo Piver** age eficazmente, pois, penetrando bem profundamente, vai animá-los e vivificá-los, dando assim novas energias ao cabelo e evitando a sua queda.

O Petróleo Piver, com ou sem gordura, vende-se em:

Garrafas de meio litro a ... ... 55$00
Frascos a ... ... 20$00

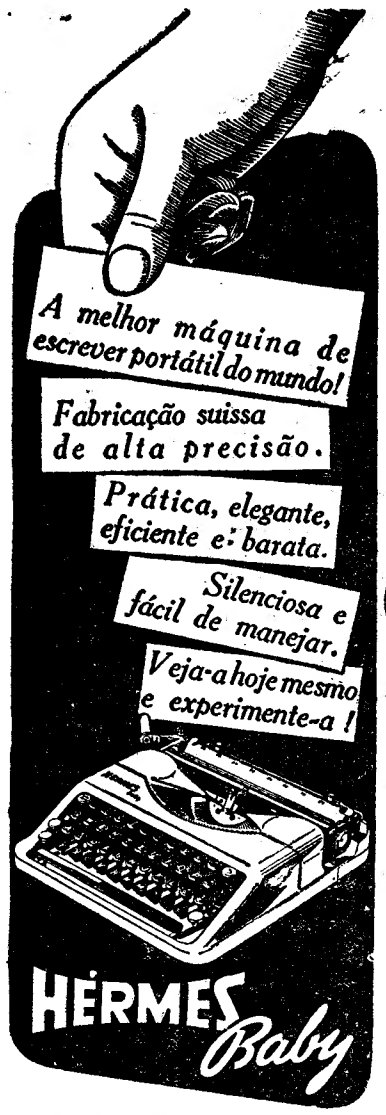
L.T. PIVER

PAL

Faz uma barba diferente... porque é um género diferente de lamina
O GUME E' CÔNCAVO
AGENTE exclusivo em Portugal:
MAX NACHMANN
R. dos Correeiros, 174 — LISBOA — Tel. 2 6609

MERKER

O ESQUENTADOR-DISTRIBUIDOR SUIÇO DE
LINHAS MODERNAS
SEGURANÇA ABSOLUTA
FUNCIONAMENTO IMPECÁVEL
MODELOS PARA GÁS «CIDLA»
EXPOSIÇÃO: RUA DE S. PAULO, 142



DISTRIBUIDORES:
Sul: M. Simões Jr. Rua da Conceição, 46, 1.º—**Lisboa.**
Norte: Araujo & Sobrinho, Sucrs. Largo S. Domingos, 50—**Porto.**

DUPLA FINALIDADE

BALANÇA PARA COSINHA E "PESA-BÉBÉS"

Pela primeira vez pode V. Ex.ª adquirir, a um preço muito módico, uma modernissima balança "INCA", absolutamente indispensável na vossa cosinha, que pode também servir de "pesa-bébés" mediante a aplicação de um estrado de madeira especial. Poderá assim observar rigorosamente o pêso do vosso "bébé", condição essencial para conservar-lhe a saúde.

A GRANDE MARCA SUISSA DE BALANÇAS PARA O LAR

INCA

Veja as hoje mesmo nas boas lojas de utilidades

Venda por grosso sòmente:
M. SIMÕES JR. — R. da Conceição, 46-1.º
Telefone 2 1672 -- LISBOA

PRECISÃO

até ao último parafuso!

ASSIM É A CONSTRUÇÃO DA MODERNÍSSIMA MÁQUINA DE ESCREVER **HERMES 6**, A MAIS PERFEITA MÁQUINA DE ESCRITÓRIO DO MOMENTO ACTUAL, DOTADA DAS MAIS RECENTES INOVAÇÕES DA TÉCNICA SUISSA. COMPLETAMENTE BLINDADA E PORTANTO AO ABRIGO DA POEIRA, DE LINHAS MODERNAS E ELEGANTES, DE CONSTRUÇÃO ROBUSTÍSSIMA, É A MÁQUINA DE ESCREVER QUE PRESTARÁ SERVIÇO EFICIENTE DURANTE MUITOS ANOS SEM QUAISQUER PREOCUPAÇÕES PARA O SEU POSSUIDOR.

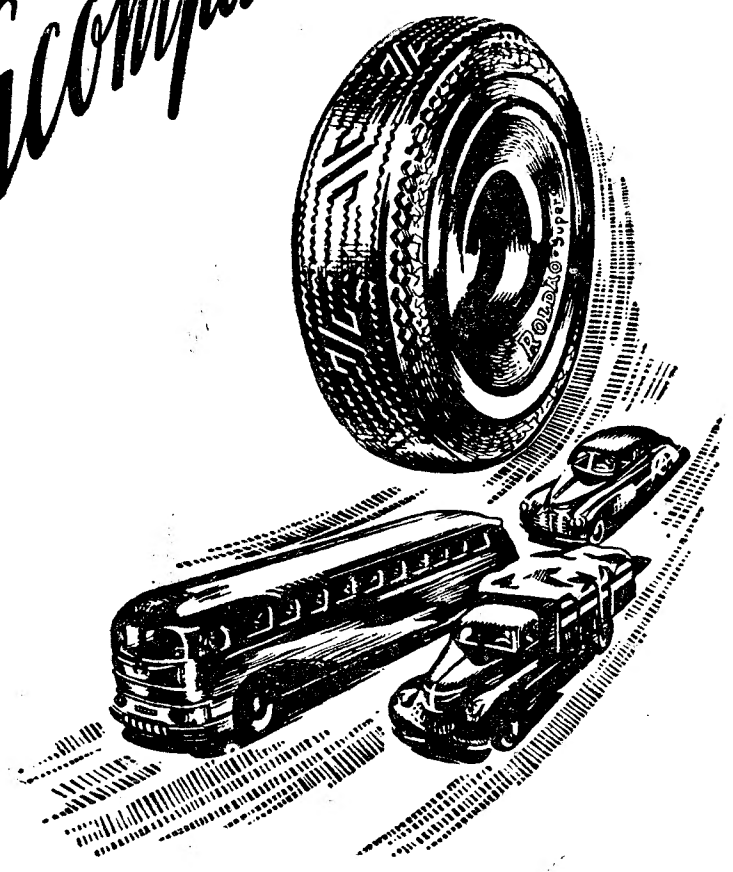
HERMES paillard

PEÇA HOJE MESMO UMA DEMONSTRAÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO E INFORME-SE JUNTO DE QUEM JÁ AS POSSUE.

DISTRIBUÏDORES:
SUL: M. SIMÕES JR.-R. da Conceição, 46-1.º-Tel. 2 1672-LISBOA
NORTE: ARAÚJO & SOBRINHO, SUCRS.-Largo S. Domingos, 50
e Filial: Rua dos Clérigos, 8-Telefones 235 e 2352 - PORTO

BELARTE

Acompanhando o progresso...



RECAUCHUTAGEM DE PNEUS
Roldão & Pires, Lda
DIRECÇÃO TÉCNICA DE MANUEL DA COSTA PIRES
LEIRIA

RESISTENCIA
SEGURANÇA
ECONOMIA

BELARTE

Relogios **LONGINES**

MODELOS DE EXPOSIÇÃO—PEÇAS UNICAS EM PORTUGAL
EM PLATINA — EM OURO — COM E SEM BRILHANTES
A PRONTO — A PRESTAÇÕES

até 24 MESES

Escritório dos
IRMÃOS CARDOSO, FLOS
Rua da Vitória, 73, 1.º

Suas altas realisações modernas e originais, de pulseiras em ouro pálido e género mourisco.
Procure nos joalheiros

Na Cozinha Municipal

Francisco Valença publica, no «Sempre Fixe» de hoje, uma interessante página de «charge» á resolução da Camara sôbre o arranjo dó Parque Eduardo VII.

E' verdadeiramente admirável a página gráfica de «Ecos da semana», em que Botelho historia a vida de Eça de Queiroz.

Outros artistas representados nêste numero do popular semanário—que insere engraçadissima colaboração em prosa e em verso: Octávio Sérgio, Pargana, Brandeiro, Martinez e Norton.

Numero avulso: $50 Assinaturas: rua da Rosa, 57-2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

BOLSAS DE ESTUDO

para cursos no estrangeiro

O «Diario do Govêrno» publica hoje um despacho do Ministerio de Educação Nacional, pelo qual foram concedidas bolsas de Estudo do Instituto para a Alta Cultura, em Inglaterra, de colaboração com o British Council, pelo prazo de nove meses, a contar de 1 de outubro ultimo, aos licenciados: Renato Pereira Coelho, assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; João Jaurés Julio Silva Ramos Dias, professor da Escola de Belas Artes de Lisboa; Pedro Carlos do Amaral Polonio, medico do Hospital Julio de Matos; George Robert Duff e Nidia Barbosa.

Foi tambem concedida uma bolsa de estudo, fora do país, pelo prazo de três meses, a contar de 26 de junho ultimo, ao assistente do Instituto Superior Técnico, eng. António Jacinto Hidalgo Barata.

Foi concedida ainda uma bolsa de estudo, durante três meses, a contar de 15 de agosto, ao assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, dr. Humberto Augusto de Almeida.

Automóveis e pneus

da América para Portugal

O contingente geral de exportação de camiões americanos para Portugal, no ano corrente, foi fixado em 1.124, assim divididos: 920 médios, 167 pesados e 37 rápidos; o de automóveis em 217; e o de pneus em 117 toneladas. Tudo isto, é, claro, dependente da possibilidade de transporte.

CASA DO RIBATEJO

A Casa do Ribatejo realiza no próximo dia 1 de dezembro a festa de inauguração da sua sede após as obras que a melhoraram. A festa consta de numeros de musica, canto, baile e declamação, e termina por um baile.

O temporal do dia 18

O chefe do distrito visitou a Quinta dos Peixinhos

A convite do Grupo de Instrução e Desporto «Os Peixinhos», visitou hoje a Quinta dos Peixinhos o sr. comandante Nuno de Brion, governador civil de Lisboa, que ali foi tomar conhecimento directo dos terriveis estragos produzidos pelas chuvas do dia 18, para procurar, dentro das suas possibilidades, remediar os casos mais urgentes.

Como se sabe, naquela quinta ficaram arrasadas muitas barracas, sofrendo grandes danos o campo de futebol e o circo «Mariozito» e tendo sido levados na enxurrada muitos móveis, roupas e outros haveres dos habitantes que são todos muito pobres.

O chefe do distrito—que era acompanhado pelo sr. tenente Soares da Cunha, comandante da Policia Municipal, pelo presidente da junta de freguesia de Monte Pedral e pela direcção de «Os Peixinhos»—percorreu, demoradamente, a Quinta da Letrada e os diversos locais atingidos pelas inundações, prometendo tomar as providências possiveis para acudir aos sinistrados.

A COLHEITA DA AZEITONA

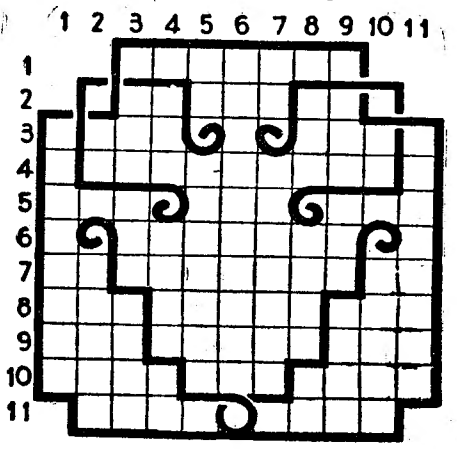
CONSTANCIA, 27.—Está em plena campanha a colheita da azeitona. O azeite é de fina qualidade. Mas, a produção não vai além de 30 % de uma colheita normal. Sendo o azeite a principal riqueza dêste concelho, continuam a sofrer grandes prejuizos os proprietários rurais e todos que vivem da agricultura.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

No dia 2 de dezembro será inaugurada, no quartel dos Voluntarios de Almada, uma escola primária para ambos os sexos, a qual poderá ser frequentada não só pelos filhos dos socios, como tambem por todas as crianças residentes naquela vila.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1156



HORIZONTAIS: 1—Deus. 2—Doutor. Espaço de tempo. Unico. 3—Regra. Partida. 4—Esfriar. 5—Olhava. Senhores (abrev.). Alguma. 6—Individuos pouco espertos. 7—Prefixo de negação. Ligadura. Nota musical. 8—Grande quantidade. Silva. Moderno estabelecimento para venda de bebidas. 9—Principio. Bosques. Naquele lugar. 10—Arranca. Porém. Ungula. 11—Afaste-se. Unidade prática de resistência eléctrica.

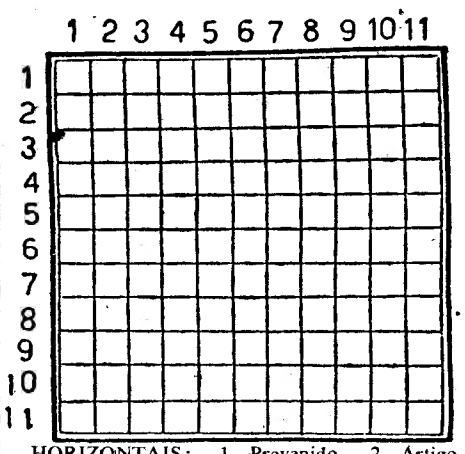
VERTICAIS: 1—Naturais da Póvoa do Varzim. 2—Além. Noticias. 3—Tempo do verbo dar. Margem. Cabo no extremo mais ocidental da costa portuguesa. 4—Gracejar. Prendem. Gemido. 5—Frequentava. Salvam-se. 6—Que é insensivel ao amor. 7—Compaixão. Dás atenção. 8—Textualmente. Rezas. Algarismo. 9—Composição poética. Costuma. Suprimi. 10—Aspecto. Erro. 11—Povoação e praia de banhos na margem esquerda do Tejo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1155

HORIZONTAIS: 1—Frenético. 2—Orei. Mons. 3—Linda. Curie. 4—Vades. Anexa. 5—Arcarem. 6—Dão. Ele. Olé. 7—Catitas. 8—Varra. Atear. 9—Amens. Sacro. 10—Mede. Cais. 11—Sossegara.

VERTICAIS: 1—Olvidavam. 2—Fria. Ames. 3—Renda. Credo. 4—Eider. Arnês. 5—Ascetas. 6—Era. Ali. Ide. 7—Caretas. 8—Imune. Ataca. 9—Corem. Secar. 10—Onix. Aria. 11—Seareiros

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 183



HORIZONTAIS: 1—Prevenido. 2—Artigo definido (ant.º). Altares. Pronome pessoal. 3—Camareira. Requeimadas. 4—Sardão. Nome de mulher. 5—O Aram da Biblia. Preposição latina que designa direcção. 6—Indicar. 7—Preposição. Existia. 8—Textualmente. Denuncies (crimes). 9—Trampolinice. Juntei. 10—Decametro quadrado. Cantiga. Artigo definido. 11—Retardados.

VERTICAIS: 1—Verdadeiro. Ficar. 2—Vias. Definhe-se. 3—Procedia. Tambem. 4—Batráquio. Levanta ancora. 5—O tesoiro publico. Transmiti gratuitamente a outrem. 6—Arvore que produz castanhas. 7—Cozo directamente sobre o fogo. Abris sulcos em. 8—Remove a terra com enxada. Preposição e artigo (pl.). 9—Ainda. Nome de mulher. 10—Transmitida gratuitamente a outrem. Poeta entre os gregos. 11—Destroços. Tino.

Almôço de oficiais

do curso de 1891

Na «mess» dos Oficiais, em Santa Clara, realizou-se hoje a reunião do curso de infantaria, que saiu da Escola do Exército em 1891 e que era então constituido por 75 alunos. A' reunião assistiram apenas dez.

Presidiu o sr. general Estevão Aguas, que endereçou efusivas saudações aos seus companheiros, srs. generais Lacerda Machado, Alexandre Malheiro e Pinheiro Machado; coroneis Pimenta de Castro, Silva Pereira, Julio Laje, Luiz Patacho e Aurelio da Silva Monteiro e capitão Castanheira.

Menor afogado

TAVIRA, 28.—Próximo desta cidade, na Ribeira do Almargem, apareceu o cadaver de um menor, que aparenta 6 a 7 anos e cuja identidade se ignora. Supõe-se que o corpo tenha sido trazido, de longe, pelas águas, que levam grande corrente. As autoridades investigam.

C. T. A.

Companhia de Transportes Aéreos

Recebe desde já inscrições para o transporte de passageiros e mercadorias entre Lisboa e Pôrto e vice-versa a começar no dia 3 de Dezembro de 1945.

Prestam-se informações no Serviço de Tráfego da Companhia.

EM LISBOA:
Avenida da Liberdade, N.º 72-A
Telefone N.º 29341

NO PÔRTO:
Rua Sá da Bandeira, N.º 84
Tefone 7900

A
PRESTAÇOES
DE 6, 12, 18 e 24 MESES
RELOGIOS
PATECK — OMEGA — INTERNATIONAL
LONGINES — ZENITH
JOIAS
DE GÔSTO MODERNO

EXPOSIÇÃO E VENDA
Escritório dos Irmãos Cardoso, F.os
RUA DA VITÓRIA, 73, 1.º
esq. da Rua do Ouro

NOTICIAS DE VISEU

VISEU, 27.—O sr. Luciano Dias de Sousa, procurador do proprietário da praça de touros, ausente no Brasil, foi intimado pela Camara Municipal de Viseu para, no prazo de 120 dias, efectuar a demolição da referida praça, visto terem decorrido três anos, que constituiam o contrato do arrendamento de terreno onde o mesmo edificio está instalado.

—Recolheu ao hospital, onde faleceu horas depois, o moço de fretes José Duarte, solteiro, de 19 anos, natural de Marzeveles, por ter sido mordido no pescoço por um bicho venenoso.

Faz-se publico que tendo o signatario conferido a sua mulher Margot Seco de Topete, moradora na Rua Rodrigues de Sampaio, n.º 76, em Lisboa, uma procuração outorgada em 30 de Dezembro de 1936 nas notas do notário de Cascais, arquivada no dia 5 de Maio de 1938, no cartório do mesmo notário, foi a mesma revogada, tendo sido a referida mandataria notificada no dia de hoje a não fazer mais uso dela.

Lisboa, 27 de Novembro de 1945.

ANGEL TOPETE

(Segue o reconhecimento)

CALÇADO BOM, é o que se vende com **GARANTIA** de normal duração.

E essa **GARANTIA,** dá todo o comerciante honesto, sem favôr, visto que a obtem dos seus fornecedores.

E assim, se pode comprar com confiança, nas **sapatarias da**

Calçada do Combro

O «Diario de Lisboa» vende-se em Pampilhosa do Botão na casa de Antonio Duarte.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

CRIMINOSO A MONTE—A Policia procura António Teixeira, o «Mouco», de 36 anos, de Obidos, que, nas Caldas da Rainha, foi julgado á revelia e condenado em 28 anos por crime de morte, andando agora a monte.

CHEQUE FALSIFICADO—Manuel de Jesus Correia, morador na rua Palmira, 47, apresentou queixa contra um individuo que falsificou a sua assinatura num cheque no valor de 4.500$00, que recebeu numa casa bancaria.

PROEZAS DE GATUNOS—Queixou-se á P. S. P. Armando Inácio Frazão, morador na calçada do Tojal, 27, de que os gatunos entraram na sua residência, por meio de chave falsa, furtando-lhe diversas roupas e um fio de ouro com duas medalhas do mesmo metal, tudo no valor de quatro mil escudos.

DESASTRES

QUEDA DUM ANDAIME—O pedreiro Domingos Chaves, de 65 anos, residente na rua dos Sete Moinhos, 84, caiu dum andaime onde estava a trabalhar no Banco Nacional Ultramarino.

COLHIDO POR UM AUTOMOVEL—Alberto Nogueira Reis, de 10 anos, residente no largo da Laranjeira ,em Almada foi colhido por um automovel perto da sua residência, ficando com uma perna fracturada. Foi conduzido ao hospital de S. José, onde ficou.

NOVO ESTABELECIMENTO

Inaugura-se amanhã, ás 17 horas, o café-restaurante Gloria, rua da Gloria, 39.

O crime da rua da Beneficência

Foi posta em liberdade a mulher que acompanhava a vitima do crime da rua da Beneficência, mas continua presa a do criminoso, por parecer que foi ela quem passou para a sua mão a arma homicida.

A Policia procura um garoto que presenciou o crime e tudo o que antes se passou na taberna da rua da Beneficência.

CHEGOU PETRÓLEO

Procedente de Aruba, chegou hoje a Lisboa o navio espanhol «Campero», com 3.580 toneladas de petróleo refinado para Portugal.

Sparklets
(REGD. TRADE MARK)

Sifão recarregável

ESTA PRÓXIMO O DIA EM QUE OS SIFÕES SPARKLETS E SUAS CARGAS VOLTARÃO A SER UTILIZADOS E ENTÃO PODERA V. EX.ª FAZER A SUA SODA OU AGUA GASOSA EM POUCOS MOMENTOS

SPARKLETS LIMITED

LONDON N.º 18

Tambem fabricantes do Ressuscitador Sparklets. Aparelho de Neve CO2 e Espargidor Dental

Distribuidores: Jayme Alves Barata, Ld.ª Rua Aurea, 124, 1.º—LISBOA

SEMPRE

que lhe surja qualquer dificuldade de ordem técnica, tanto em Rádio como em Electricidade.

SEMPRE

que necessite adquirir material eléctrico de qualquer espécie, dirija-se à

ELECTRO-LISBOA, L.DA

Será atendido por pessoal devidamente habilitado, que lhe dará todas as indicações.

Cabos, fios de todos os tipos, lâmpadas de tôdas as voltagens, etc., etc.

Revendedores gerais da

LAMPADA LUMIAR

Descontos a revendedores

Rua Augusta, 246, 248—Tel. 20568

A terceira guerra á vista

(Continuação da 1.ª pag)

ca trouxe para a vitória da Entente o peso decisivo da sua contribuição, as armas e as munições, o dinheiro e os navios, os abastecimentos e os soldados. Poucos meses depois de terem desembarcado no continente os americanos sabiam que tinha sido assinado o armisticio em Rethordes.

Duas intervenções malogradas

Em 1941, nos ultimos dias dum ano em que, no dizer do general Jodl, o Reich hitleriano teve a vitória ao alcance da sua mão poderosa, os Estados Unidos viram-se, pela segunda vez, envolvidos na guerra. A situação dos Aliados não diferia sensivelmente daquela que a Entente conhecera um quarto de século antes. O Estado Maior alemão realizara a tarefa essencial de expulsar os ingleses do continente, resultado que nem Napoleão, nem Guilherme II tinham podido alcançar. Os exercitos russos batiam em retirada perante o avanço fulminante da Wehrmacht e o govêrno sovietico abandonava o Kremlin. A Europa ocupada alimentava a maquina de guerra alemã e os govêrnos colaboracionistas reprimiam, com uma severidade sintomática, a onda da insubmissão popular. A palavra de ordem nazi tornara-se já a unica regra de conduta válida no dominio das relações internacionais quando o grito de guerra do militarismo niponico veio avolumar a sua ressonancia em todos os cantos do mundo.

Pela segunda vez, a intervenção americana antecipada pela Lei do Empréstimo e Arrendamento surgiu para decidir do conflito. O caminho a percorrer pelos soldados americanos foi mais longo e mais áspero. Mas um ano depois de Pearl Harbour, êsse caminho conduzia de novo á vitória pelo desvio dum desembarque providencial no Norte de Africa. Estas razões justificadas de orgulho nacional engendraram nos dois casos uma hipertrofia do sentimento americano, misto de riqueza acumulada e de desconfiança sistemática, que se tornou um factor capital para se frustrarem as esperanças que a humanidade depositava na realização duma paz estavel e duradoira.

A vinte e cinco anos de distancia a voz do embaixador Hurley surge, assim, apesar dos ensinamentos colhidos como uma tradução actualizada do isolacionismo total de Lodge e de Borah, impiedosos na critica do idealismo wilsoniano, impotentes para apresentarem qualquer solução construtiva das dificuldades que o seu país precisava defrontar e vencer.

No limiar da era atómica

O grito de protesto do senador Hurley pode ser o prólogo de decisões da maior transcendencia para o futuro do mundo, quando se considera o atraso da politica americana, e da sua diplomacia, em relação aos progressos da técnica e á pressão crescente dos interesses economicos e da agitação social. Os Estados Unidos não evolucionaram nos moldes clássicos em que se fez a grandeza e se consagrou o primado espirituql da Europa, do municipio á unidade monarquica, do serviço militar á religião da cidade. O seu povo considerou sempre que, nada de essencial devendo á politica, tinha-toda a vantagem em a desdenhar, aceitando como uma realidade bem-fazeja a supremacia dos factores economico-sociais e dando-lhes a interpretação duma aristocracia activa a contrastar com as tradições permanentes que continuavam a modelar a vida do nosso continente.

Essa razão fundamental impediu até agora que a intervenção dos Estados Unidos para a realização da paz se revestisse do caracter decisivo que para a solução da guerra representou a presença dos seus soldados e dos seus recursos nos campos de batalha. André Siegfried antecipou o momento dramatico que estamos atravessando ao preguntar, na sua obra capital sobre os Estados Unidos, «se o povo americano no dia em que fôsse chamado a assumir plenamente as suas responsabilidades, se não recusaria a fazê-lo repudiando o papel de guia e de garante indispensável á criação duma nova ordem no mundo».

A declaração sensacional do embaixador Hurley não faz senão confirmar esse receio justificado. Reconhecendo o malôgro da intervenção do seu país nas tentativas feitas para construir a paz sobre os escombros de duas conflagrações temerosas, o embaixador Hurley limita-se a anunciar para breve, a terceira. O que não é de molde a tranquilizar-nos no limiar da era atómica em que os homens de ciência norte-americanos nos lançaram, sem atentarem na lentidão de movimentos dos seus chefes politicos.

C. F.

VIDA MUSICAL

Sociedade Nacional de Musica de Camara

No próximo sábado inicia a Sociedade Nacional de Musica de Camara, no salão do Sindicato Nacional dos Musicos, a sua 27.ª temporada de concêrtos, com um recital de violoncelo pela professora D. Isaura Pavia de Magalhães, com a colaboração da pianista D. Branca Belo de Carvalho e dum quarteto de corda. O programa inclue obras de Boccherini, Fauré e Boellman.

2.º recital Beethoven

E' hoje, pelas 21 e 45, que se realiza, no salão do Sindicato Nacional dos Musicos, o 2.º recital Beethoven, com sonatas para violino e piano, interpretadas por Antonino David e Francisco Laires.

PROPAGANDA COMERCIAL

de matérias plásticas

Estão em Lisboa dois peritos em matérias plásticas da Imperial Chemical Industries, os srs. A. Renfrew e A. F. Thomson, que trouxeram consigo um filme colorido em que são apresentadas as várias fases da fabricação de alguns dos mais recentes produtos e, também, algumas amostras das aplicações possiveis que os mesmos têm. Esse filme será passado amanhã, ás 17 horas, no salão privativo da embaixada britanica.

CARREIRAS AÉREAS

Chegou de Lagos (Nigéria), acompanhado de sua esposa, num avião da «British Overseas Airways Corporation», e seguiu para Londres, «Sir» Graham Cunningham, do Ministério Britanico de Abastecimentos.

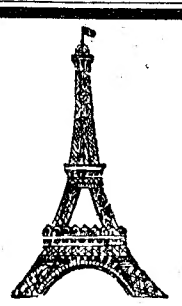
—No próximo domingo, ás 11 e 30, são inaugurados no aeroporto da Portela de Sacavém o hangar e os escritórios da Companhia Transportes Aéreos, depois do que se realizará um vôo, com as entidades oficiais, ao Pôrto, onde, no aeródromo das Pedras Rubras, se fará também a inauguração dos respectivos serviços.

Artes decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
LOJA-CAVE-1.º ANDAR

Câmaras municipais

CALDAS DA RAINHA, 28.—Pela eleição aqui realizada, ficou assim constituida a comissão executiva da camara municipal dêste concelho: capitão João Vitorino Soares de Avelar, João Montês, Bernardo Alvaro da Costa, Jaime Ferreira Neto, Manuel de Carvalho Pontes e Eurico Bonifácio da Silva.

ALENQUER, 28.—O conselho municipal elegeu para vereadores da camara dêste concelho, para o quadriénio de 1946-49, os srs. eng. Francisco Vás Monteiro Gois du Bocage, eng. Julio Costa de Oliveira Grilo, Leocádio Lopes de Carvalho e Sebastião Rangel dos Reis como efectivos; e António Correia da Costa Paulo, Duarte Costa de Oliveira, Ernestino Ferreira Calçada e Francisco Tomás Trem, substitutos.



TORRE EIFFEL

Gabardines

impermeáveis, as melhores qualidades, preços sem competição.

Rua do Carmo, 104-106

Estalagem dos CAPOTES BRANCOS

Amanhã, quinta-feira, Dobrada á Capotes Brancos.

Sexta-feira, Bacalhau á Capotes Brancos.

R. do Diario de Noticias, 153 (Frente ao Elevador da Glória).

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Arbitros para a próxima jornada

O desafio Belenenses-Atlético, que se disputa no sábado, nas Salésias, pelas 15 horas, será arbitrado por Mário Ribeiro Sanches. No domingo, dirigem os encontros Estoril-Sporting e Cuf-Benfica, respectivamente, os srs. António José dos Santos e Manuel da Silva.

Para os jogos da segunda divisão foram indicados os seguintes árbitros: Casa Pia-Marvilense, Carlos Canuto; Olivais-Sacavenense, Carlos Ferreira da Cunha; Operário-F. Benfica, António Serrano; Chelas-Fósforos, Abel Ferreira.

Nunes, do Estoril, suspenso por dois jogos

O médio-centro do Estoril Praia, António Nunes, por causa de incidentes ocorridos no desafio Estoril-Cuf, sofreu a suspensão de dois encontros. Não tendo, porém, alinhado nos dois ultimos desafios. já poderá jogar no próximo domingo.

Outros castigos

A Direcção Geral dos Desportos, na sua reunião de ontem á noite, aplicou as seguintes suspensões: Leopoldo Florência, do Estoril, dois jogos; Joaquim Figueiredo, do Estoril, três jogos; José da Silva Junior, do Fósforos, 1 jôgo; Carlos Baptista, do Operário, 1 jôgo; Francisco Antunes, do Cascais, 2 jogos; Octávio e José da Silva, ambos do Belenenses, 3 jogos.

Campeonato distrital de juniores

A A. F. L. marcou para 16 de dezembro o comêço do campeonato distrital de juniores.

Protesto improcedente

O protesto apresentado pelo Vitória Club de Lisboa, a propósito do seu desafio com o Desportivo dos Olivais, com o resultado de 2-2, foi julgado improcedente pelo conselho técnico da A. F. L.

Homenagem aos jogadores belenenses

O Clube de Futebol os Belenenses informa que termina ámanhã a inscrição para o almôço de homenagem aos seus jogadores de futebol, que se realiza no próximo domingo, no Estoril.

BASKETBALL

O Atletico venceu o Benfica

O campo da Boavista registou ontem uma boa enchente. Um dos jogos da terceira jornada, Atletico-Benfica, prometia ser enérgicamente disputado e assim aconteceu. Os dois grupos bateram-se bem pelo resultado, que foi favoravel ao Atletico:—na primeira parte por 18-16 e no fim do jogo por 47-42.

A vitoria do Atletico, pela diferença de 5 pontos, está plenamente justificada pelo seu trabalho mais bem ordenado em qualquer dos tempos de jogo.

Antes deste desafio, jogaram as «équipes» do Grupo Desportivo da «Cuf» e do Rio Seco, com vitoria do primeiro por 48-19 (18-5 ao intervalo). O resultado, por si só, demonstra bem a superioridade evidente dos cufistas.

VÁRIAS NOTÍCIAS

A secção de «hand-ball» do Marvilense F. C. promove no sábado a sua festa anual, cuja receita se destina a custear as despesas daquela secção.

—Promovido pelo G. D. da Casa Vaultier, começa no dia 3 a disputar-se um torneio de ténis de mesa, a que concorrem, além de duas «équipes» pela colectividade organizadora, os representantes da Shell, Atlantic e Vacuum.

Para fugir ao comboio

uma mulher caíu de uma altura de 18 metros e morreu

COVILHÃ, 28— Maria da Conceição Giria, casada, de 52 anos, quando passava na ponte denominada de Anaquim, onde passa a via ferrea, transportando á cabeça um cesto com roupa, ao pressentir o comboio correio, que se aproximava, pretendeu ainda retirar-se da linha, mas fê-lo com tanta infelicidade que se afastou excessivamente para o bordo da ponte e caiu de uma altura de 18 metros, tendo morte instantanea.

COMIA-SE CARNE HUMANA

no campo de Dachau

segundo o depoimento de testemunhas

DACHAU, 28.—Internados do campo de concentração de Dachau, esfomeados, cortaram carne de 18 cadaveres de russos e comeram-na, segundo declarou Josef Seuss Rea, um dos 40 funcionários nazis do campo, que estão a ser julgados pelo tribunal militar americano.

A sua declaração foi lida pelo acusador ao tratar dos casos de canibalismo, devido «á má alimentação e á fome», que os internados passavam.

Outro acusado, Josef Jarolin, confessou ter flagelado prisioneiros. Disse que, nalguns dias, mais de 150 pessoas eram fuziladas. Eram todas despidas antes de serem mortas. Ele próprio deu a ordem de fazer fogo ao pelotão executor em 700 casos e disse que 90 por cento do pessoal de Dachau tomára parte nessas execuções.

Alfred Kramer, que levou 4.000 prisioneiros judeus de Varsóvia para Dachan, disse numa declaração sobre o campo de Kaufering, próximo de Munich e anexo ao de Dachau:

—Para falar a verdade, não gosto muito de judeus, e isso originou muitos castigos incluindo torturas, espancamentos, fomes e prisões. Isso, sem duvida, levou a muitas mortes.

Os prisioneiros eram igualmente forçados a presencear as execuções. Um professor de 74 anos, que trabalhava nas descobertas da malaria, o dr. Klaus Karl Schilling, confessou ter inoculado entre 900 e 1.000 prisioneiros «principalmente para a sua protecção». O dr. Schilling disse que estudava as doenças tropicais há 45 anos, afirmando que, em 3 anos, só 49 prisioneiros morreram em virtude da malaria que êle lhes inoculava. A acusação pensa que as experiências do dr. Schilling causaram entre 1.000 a 3.000 mortes.—(R.).

As eleições na Austria

significam a política

anterior à anexação

LONDRES, 28.—As ultimas notícias dos representantes oficiais britanicos na Austria dizem que a eleição geral do domingo passado foi dirigida de maneira absolutamente leal e democrática.

Foi muito grande a concorrência ás urnas. Não há motivos para crêr que os regulamentos eleitorais tenham sido desrespeitados por aquêles que se encontram libertados dos nazis. O voto é considerado nesta cidade como seguindo quasi a orientação da politica austriaca anterior ao Anschluss. Se o resultado da eleição provocará uma modificação no estatuto diplomático da Austria não está ainda certo. A Grã-Bretanha está já representada em Viena, mas, até agora, nenhum representante austriaco chegou a Londres, se bem que seja esperado em breve. Não se decidiu ainda se terá o posto de ministro, tal como o conde Nicola Carandini, representante diplomático italiano.

Outro ponto resultante das eleições é o que afecta as guarnições de ocupação e as zonas de demarcação. Isso constituirá o assunto de conferências entre as potências ocupantes.—(R.).

O novo govêrno

VIENA, 28.—O govêrno pode resolver pedir hoje a demissão para entregar o poder ao Partido Popular vitorioso nas eleições.

Os resultados finais dão ao Partido Popular 85 lugares, aos socialistas 76 e aos comunistas 4.

Léopold Figl, chefe do Partido Popular, que deve presidir ao novo govêrno, é engenheiro agrónomo e passou os ultimos seis anos nos campos de concentração de Dachau e de Mathausen.—(R.).

Na Pérsia

os rebeldes ocuparam

outra cidade

TEHERÃO, 28—A cidade ferroviária de Zenjan, sôbre a principal linha entre Teherão e Tabriz, foi completamente ocupada pelos insurrectos de Azerbaijan, que marcham agora sôbre Kazvin, centro importante a 130 quilómetros a noroeste de Teherão e á mesma distancia de Zinjan. Os insurrectos ocuparam Takistan, a 15 quilómetros a sudoeste de Kasvin e o pôrto do Mar Cáspio de Astara, na fronteira russa.

Não se julga em Teherão que marchem sôbre a capital em virtude da presença de tropas persas e de tanques em Sharifabad, entre Kasvin e Teherão.

Um novo contingente de tropas chegou a Teherão, vindo de Shirez, 700 quilómetros ao sul da capital.

Ebrahim Hakimi, Primeiro ministro da Pérsia, encontrou-se ontem com o encarregado de Negócios da Russia, Jabukov. Nada se revelou da reunião, mas, nalguns circulos governamentais, crê-se que só conversações directas entre os governos persa e soviético podem levar a resultados concretos.—(R.).

A oposição búlgara

pede um inquérito

às últimas eleições

SOFIA, 28—O inquérito aos resultados das eleições bulgaras realizadas em 18 de novembro e ás condições em que se efectuaram foi pedido pela oposição numa declaração publicada ontem.

A comissão central semi-oficial para observar as eleições publicou ontem uma informação dizendo que elas tinham sido livres e ordeiras em todo o país e que 86 por cento dos eleitores nelas tinham tomado parte.

A oposição afirma que a comissão não faz mais do que aceitar as declarações oficiais e que só 40 por cento dos eleitores votaram pelo govêrno. Afirma mesmo que houve casos em que havia instruções para elaborar a lista negra dos que não votavam, e, em certas reuniões eleitorais, se proferiram ameaças de que, um dia depois das eleições, os não votantes seriam castigados e que «haveria cabeças cortadas».

Os observadores mais independentes em Sofia concordam em que não há quaisquer provas de irregularidades nas eleições.—(R.).

A crise italiana

ROMA, 28.—O principe regente, depois de ontem á noite ter recebido e conferenciado demoradamente com os chefes dos partidos da direita, recebeu esta manhã os chefes dos partidos da esquerda, numa ultima tentativa para nomear a personalidade que há-de constituir o novo govêrno italiano.—(United Press).

Uma seita inglêsa

que vai venerar

um busto de Hitler

LONDRES, 28.—A existência duma organização chamada «Legião de Reformadores Cristãos», que considera Hitler como um «instrumento divino para destruir o poder do sistema Mammon», foi revelada pela venda do busto de Hitler no leilão de ontem, em Londres, do recheio da antiga embaixada alemã. O secretário dêsse grupo, J. L. Battersby, antigo dirigente da União Britanica fascista, que esteve preso durante a guerra, ao abrigo da lei da defesa nacional, declarou aos jornalistas nêsse leilão:

—Hitler é o salvador do Mundo no sentido de ter destruido o sistema que trouxe a miséria, a guerra e a peste para milhões de pessoas. Hitler deu-nos, na sua herança, a oportunidade que nós nunca tivemos anteriormente de construir o Reino de Deus no Mundo.

Battersby declarou que a pessoa que adquiriu o busto de Hitler por 500 libras, o antigo capitão Gordon Canning, que também esteve preso, vai oferecer o busto para a sede da Legião, onde ficará «como objecto de veneração». Anteriormente, o capitão Canning declarara que não sabia o que havia de fazer do busto. Battersby proclamou ter sido um «aviso divino» que trouxera o comprador ao leilão e acrescentou: «Nós honraremos o busto de Hitler, porque Hitler veio ao Mundo para guiar tôda a humanidade. Nós temos uma missão».—(R.).

O filho de Amery foi condenado á morte

LONDRES, 28—John Amery, de 33 anos, filho do antigo secretário de Estado para a India, foi hoje condenado á morte por ter sido locutor da rádio alemã e de se ter envolvido em outras actividades politicas que auxiliaram os alemães durante a guerra.—(R.).

100 SUBMARINOS ALEMÃES

vão ser afundados

no meio do Atlântico

LONDRES, 28—Cêrca de 100 submarinos alemães vão ser brevemente afundados no Atlantico. Depois do desastre alemão de Scpa Flow, no fim da 1.ª guerra mundial, será este o maior «afundamento em massa» até hoje registado.

O numero de submarinos sujeitos a este destino é tão avultado que o seu afundamento constituirá uma operação que não poderá ser levada a cabo num só dia.

Depois deste afundamento, apenas ficarão 18 submarinos almães. A Grã-Bretanha, a Russia e a França ficarão com seis submarinos cada, para fins experimentais. Cada país reterá, pelo menos, dois submarinos do «Tipo 21», ultimo modelo alemão, que entraram ao serviço pouco tempo antes de terminar a guerra.

Os navios de guerra de superficie alemães, reunidos em Wilhelmshaven, serão distribuidos equitativamente entre as Nações Unidas.

O mais importante destas unidades de guerra é o «Prinz Eugen», cruzador de 17.000 toneladas, que poderá vir a ser motivo de discórdia, mas existe a possibilidade de vir a pertencer aos Estados Unidos, para experiencias da bomba atómica. O navio irmão do «Prince Eugen» é o «Hipper», que foi sériamente atingido por bombas e será afundado.

A Russia poderá possivelmente ficar com o «Nuremberg», cruzador de 6.000 toneladas, possuindo canhões de seis polegadas e que foi construido, a principio, para flutuar no Baltico. A Noruega ficará possivelmente com um navio-depósito e ainda, pelo menos com dois «destroyers». A Holanda ficará com uns poucos de «destroyers» e, provavelmente, com um navio de abastecimentos aos submarinos para ser usado nas Indias Orientais Holandesas. A França ficará provávelmente com «destroyers» e caça-minas.

A Marinha Real terá uma pequena quota e provavelmente ficará confinada a navios com categoria igual ou inferior aos «destroyers».—(U. P.).

Ofereça como brinde um objecto útil

Lindos artigos de escritório para todos os preços, na

Papelaria Vasconcelos—R. da Prata, 270

Prisão de japoneses

acusados de resistência

TOQUIO, 28.—As autoridades militares norte-americanas informam que foram presos nove japoneses, pertencentes a um movimento de resistência nipónica e apreendidas em dois locais várias armas e munições. Foi apreendida uma lista com algumas dezenas de nomes de japoneses que fazem parte da mesma organização de resistência.—(U. P.).

Spaak em Londres

LONDRES, 28—Spaak, ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, que se encontra nesta capital, teve uma demorada conferência com Bevin sôbre importantes problemas que interessam altamente aos dois países, incluindo a entrega á Bélgica da produção do carvão do Ruhr e a ocupação de parte da Renania por tropas belgas.—(U. P.).

Os indonésios

pediram

condições de paz

BATAVIA, 28.—O governador indonésio da zona ocidental da ilha de Java apresentou-se no Q. G. da 37.ª brigada britanica, em Bandoeng, com uma bandeira branca e pediu a cessação das hostilidades. O comunicado de hoje dêsse Q. G. diz que o enviado indonésio foi informado dos têrmos que os Aliados impõem, mas não estava autorizado a aceitá-los ou a apresentar novas propostas. Os têrmos dos Aliados exigem que os indonésios evacuem tôda a zona de residências ao norte duma linha de leste para oeste até ao meio dia de quinta-feira e que os civis indonésios se não aproximem a menos de 200 metros de qualquer posto britanico ou japonês.—(R.).

Emissoras atacadas pela R. A. F.

BATÁVIA, 28.—Bombardeiros da R. A. F. voltaram esta manhã a atacar três emissoras por onde os indonésios continuam a incitar as populações de Java a erguer-se contra as fôrças militares britanicas e holandêsas. As autoridades britanicas resolveram que os ataques ás referidas emissoras prossigam até que sejam reduzidas ao silêncio.—(U. P.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

PELES

DAVID KIT

O maior e o mais fino sortido em CASACOS DE VISON, CASTOR, ASTRAKAN, NUTRIA, WHITE-FACE, ESTOLAS, etc... Os modelos mais finos vindos da AMERICA.

AVENIDA CONDE DE VALBOM, 18, 1.º

LISBOA—Telefone 4 8089